

A Defesa Nacional

ASSUMPTOS MILITARES

(XV - Março-Abril - 171-172)

EDITORIAL

Balanço de Esperanças

A competencia dos administradores não se deve medir pela quantidade de trabalho despendido e sim pela natureza e valor desse trabalho. Do mesmo modo é preciso proceder na apreciação da utilidade desse mesmo trabalho.

Um homem de governo, audaz e que conseguisse reunir os meios necessarios a manter, num paiz, effectivos militares elevados, á custa de premios individuaes, e que reunisse todo material para iniciar uma campanha, sem promover os meios de sua recuperação ou substituição, nada de util teria feito se não tratasse de obter bons estados maiores e quadros á officiaes, formando uma hierarchia real e capazes de se desdobrarem em relação logica com as necessidades de uma campanha. Seria semelhante obra não só inutil, mas negativa e prejudicial.

Com tal exercito poder-se-iam fazer bellos desfiles e revistas, não, porém, a guerra. A elle faltaria a alma, a mentalidade, pratica, o habito das acções da uerra e tudo teria de improvisar e por tudo seria surpreendido, quando houvesse de cumprir seus destinos finais de defender a nação contra a aggressão material dos seus inimigos.

A educação mental, o habito e a disposição do espirito, para tratar as questões necessarias, faltariam a esse exercito tornando impossivel a seus diversos orgãos não só a aprehensão instantanea das realidades, como seu trabalho harmonico e coheso, realisando a força.

Pensar na applicação de um exercito para a guerra, isto é, vê-lo realisando a ordem de batalha, transportando-se para o theatro de operações, atacando ou resistindo, manobrando, é sentir-lhe as necessidades, é pô-las em evidencia e ao mesmo tempo ter a noção do que é preciso fazer. A extrema complexidade do mechanismo

e do que entra em jogo para mantê-lo em estado de efficacia, faz desde logo surgir a conveniencia de ter um metodo simples e de haver uma doutrina de conducta formada de principios tambem simples, porque só desse modo será possivel evitar a dispersão ou divergência dos esforços parcellados e será possivel estabelecer uma ordem natural, uma seriação nos emprehendimentos a effectuar. Nenhuma duvida existe sobre o assunto, no que diz respeito ás acções do campo de batalha, mas não parece entre nós universalizada a idéa de que do mesmo modo é preciso proceder nos trabalhos da paz.

* * *

Raras vezes no Brasil, e em nenhuma como agora, sentimos na atmosphera official symptomas evidentes que denunciam a comprehensão desta necessidade fundamental no manejo do Exercito: a defesa militar da nação é a razão principal de sua existencia, nos moldes das modernas organizações.

Não nos permitem os dados publicados vêr mais que indicios, mas estes se apresentam evidentemente no movimento dos quadros dando predominante importancia ás necessidades dos orgãos de tropa; na normalisação quasi completa dos serviços de intendencia, que agora têm logica e utilmente justificada sua apparatoso montagem; e nos projectos surgidos no Congresso Nacional e que deixaram de se fazer lei, sensivelmente pelos maus processos de nossa politica geral.

Os projectos a que nos referimos atacam em traços geraes e de modo quasi completo a questão fundamental para o Exercito, a cellula mater de sua existencia, a questão dos quadros. Regulando a actividade, generalizando,

completando e escalonando o ensino profissional militar, e introduzindo regras novas que asseguram a aceleração da carreira aos que forem satisfazendo a provas de capacidade, cada vez mais exigentes, demonstra-se a existencia de uma bôa orientação, decidida e firme.

Preferiríamos vêr completadas as disposições projectadas por uma lei que regulasse o movimento dos quadros e pela introdução, na que deverá regular a inactividade, de disposições taes, á maneira das leis chilena e argentina, que autorisassesem e forçassem mesmo o governo a afastar dos quadros activos, conforme regras insophismaveis, aquelles que se tornassem impróprios ás respectivas funções.

Quanto ao projecto sobre promoções, vê-se nelle apenas o desejo, ou a intenção, de estabelecer uma phase de transição necessaria para um regime definitivo, que seria prematuro instituir desde já, dada a verdadeira situação dos quadros actuaes. Encarando sob esse aspecto, nada haverá que dizer contra elle, a não ser que precisa ser completado e corrigido no sentido que já havemos indicado em nossas paginas.

Essa grande obra, em parte effectuada e em parte esboçada como assinalamos, deverá ainda ser engrandecida pela consideração do que poderíamos chamar a restauração do regime legal e das normas administrativas regulares, cujos beneficos efeitos se podem constatar pela considerável economia realisada sobre as dotações orçamentarias, tendo sido preenchidas como em nenhuma outra epocha as necessidades materiaes do commando da tropa e dos serviços; pelas promoções levadas a effeito, das quaes, sobre 80 %, nada haverá que se dizer considerando a lei actual; e notadamente pela confiança que, de

facto, reina em toda parte, embora muitas vezes surjam manifestadas expressões de interesses pessoais mal satisfeitos. Sob esse ultimo aspecto, por honra nossa, não terão sido opostos á direcção actual do Exercito graves obstaculos, o que transparece da opinião generalizada de que as medidas são necessarias muito embora um tanto rígidas e absolutas.

Ha incontestavelmente uma pequena melhora na mentalidade geral o que é um effeito benefico da accão impessoal visando conscientemente a realidade, isto é, as necessidades da preparacão technica do Exercito.

A obra a construir, até que a mentalidade geral atinja o seu completo desenvolvimento no sentido de sua apropriação ás necessidades de uma guerra eventual, é, porém, tão ampla que, a bem dizer restará tudo por fazer, si o que ha de fundamental não fôr solidamente estabelecido. Preciso é reconhecer que tudo depende dos homens que valem o que vale sua mentalidade, sendo muito raros, por outro lado, os que conseguem elevar-se acima da mentalidade do meio em que se desenvolvem e agem.

Não bastam cultura e intelligencia, é preciso caracter e são precisas as qualidades outras capazes de tornarem o homem insensivel aos desvios do orgulho, da vaidade, do sentimentalismo ou de caprichos quaesquer, para que adquira superioridade sobre o meio ambiente para dominar o e dirigir-o como convém.

Talentos de escól, eruditos famosos, têm fracassado completamente a frente de empresas relativamente simples e muito aquem de seus cabedaes, porque sua mentalidade não satisfaz, falta-lhes o conjunto de qualidades necessarias, sobram-lhes causas de desvios que os conduzem a seguir verdadas incertas e mal traçadas, levando-os a perderem-se n'um emaranhado de detalhes.

E esta é a razão da necessidade primordial de pôr a obra em organização ao abrigo, quanto possível, de tais eventualidades, creando os elementos próprios e lhes dando vida bastante para que possam assegurar o contínuo desenvolvimento de uma mentalidade apropriada e que reside em princípio, nos estados maiores e nos altos graus da hierarchia.

Aliás, visando a finalidade para a guerra, nada terá consistência bastante, nem mesmo valor útil, se fal-

tarem quadros bem constituidos realisando uma hierarchia real e estados maiores bem constituidos, em pleno funcionamento.

A dotação dos estados maiores de pessoal e meios indispensaveis tem ainda uma outra importancia que é impossivel desconhecer, mórmente agora com a creação do Conselho da Defesa Nacional. Representa esse novo orgão da defesa nacional a firme intenção de serem postas de accordo as instituições militares com as exigencias da guerra moderna que exige a maxima utilisação dos recursos da Patria. E' o C. D. N. o elemento coordenador por excellencia funcio- nando como centro para onde convergem todas as informações, mas tam- bém donde devem emanar bem classi- ficadas, conforme sua urgencia, e sua importancia, todas as providencias ca- pazes de dar o maior rendimento aos recursos nacionaes em caso de guerra.

A efficacia do seu trabalho depende, porém, essencialmente do trabalho dos estados maiores, sem os quaes nada poderá fazer de verdadeiramente util e sujeito a um principio economico.

Os E. M. funcionando como órgãos de formação e assimilação da doutrina como de sua conveniente divulgação, são também o elemento de informação das exigências técnicas da guerra, o regulador das necessidades da evolução, tendo sempre em dia o balanço das necessidades e das possibilidades e o modo de ajustar, em qualquer momento umas com as outras.

Organisar, portanto, de modo satisfatorio e pôr em actividade normalizada os estados maiores é obra capital a realizar, hoje felizmente muito facilitada em nosso paiz.

Empreza mais difficil é chegar a obter os commandos de um modo que satisfaça em plenitude ás necessidades. Para attingir tal méta será preciso vencer mais duras resistencias e esperar mais longo tempo, até que as leis de quadros que ora se iniciam produzam seus efeitos e até que o desenvolvimento dos recursos permitta a existencia de uma tropa como á sua bôa formação se faz preciso.

A realização desta última condição é também indispensável à completa preparação dos estados maiores, mas evidentemente depende sua satisfação de um desenvolvimento prévio bas-

tante sensivel dos commandos e dos estados maiores.

* * *

Tudo faz crêr felizmente que serão tomadas, muito brevemente, em consideração ampla estes aspectos fundamentaes do problema militar, ha alguns lustros já amplamente debatidos, tendo sido, como já foi, iniciado o trato do problema dos quadros. E, pois, licito, em bôa logica, esperarmos confiantes no futuro, estando em cada um accelerar na respectiva esphera de acção o processo da evolução, cumprindo religiosamente seu dever em vista da collectividade. Em passada essa phase, se possa precisar bem os causadores de quaesquer insucessos e que nenhum destes possa ser attribuido á acção individual de quantos têm para com a Nação o compromisso de sacrificar até a propria vida.

Escreve-nos o Sr. 1.º Ten. Francisco Silveira Prado.

"Quando, por occasião das competições athleticas com que commemoramos o centenario de nossa emancipação politice, se apresentou uma "equipe" brasileira de esgrima, que enfrentou, galhardamente, as da Republica Argentina, do Chile e do Uruguay, assumimos um compromisso que, embora pequeno, deve ser, rigorosamente, cumprido, afim de que não se apouquem, no exterior, os nossos creditos.

E' que os premios de esgrima, ao que pese á illustre commissão encarregada daquelle certamen, não foram, até hoje, distribuidos e já começam de ser relembrados.

Que nós, os brasileiros, que tudo fizemos para representar dignamente as cores de nossa auri-verde bandeira, delles abramos mão, está certo, tanto mais que já constitue grande glória e honra para nós o havermos, bem ou mal, representado o proprio esforço nacional na intenção de dar provas de que não descurramos da pratica deste nobilissimo sport, rivalisando, nos torneios de 1922, com jogadores internacionaes de escol, mas cobrando os premios, que o Brasil deve á Argentina, é um dever que se impõe a quantos não se fazem alheios, nem á esgrima, nem á cordialidade argentino-brasileira.

Pedimos, pois, a atenção de quem de direito, para que seja satisfeita esta pequena dívida nacional, afim de que não supponham os argentinos, chilenos e uruguaios, competidores conosco na disputa dos campeonatos sul-americanos de esgrima, sermos um povo descuidado até de nossos próprios compromissos e promessas."

Notas sobre a instrucción no quadro do Regimento de Cavallaria

(Vide n.º 169-170)

Pelo Major Collin

DA M. M. F.

A instrucción dos Quadros tem por objectivo desenvolver-lhes as aptidões para commandar e instruir.

E' sempre possível (quaesquer que sejam os efectivos) e deve ser ministrada durante todo o anno.

PROCESSOS DA INSTRUCCÃO

A instrucción dos quadros deve atender ás duas necessidades seguintes:

— Formar Instructores e Chefs.

Formação dos Instructores — Essa formação tem por base o conhecimento dos regulamentos. Assegurando esses a unidade de doutrina na Cavallaria, o commando deve cuidar que, em todos os escalões, sejam conhecidos, respeitados e applicados.

Além disso, o conhecimento dos regulamentos só vale pela arte com que são ensinados e applicados.

As aptidões para instruir são muito desiguais entre os graduados, mas podem ser aperfeiçoadas pelo estudo attento dos processos da instrucción.

O Coronel no regimento e o Capitão no esquadraõ, devem, pelos seus exemplos e conselhos, concorrer sollicitamente para o perfeito aperfeiçoamento dos seus quadros.

Formação dos Chefs — Essa formação consiste em familiarizar os quadros com a applicação dos processos de manobra e de combate, qual quer que seja a situação.

Comprehende:

— a execução de alguns exercícios na carta, que serão aproveitados para acostumar os quadros á redacção de ordens e partes;

— exercícios no terreno, tendo por fim a instrucción tactica dos quadros ou a instrucción pratica da tropa.

Os Exercícios na carta e no terreno são dirigidos pelo cmt. da unidade superior á que manobra, ficando a direcção distinta do commando da tropa. A direcção intervém, representando o escalão superior, as tropas vizinhas e o inimigo (creação de incidentes, organização e direcção do serviço de figuração dos fogos e do serviço de arbitragem).

Estes exercícios devem ter um objectivo preciso.

As condições em que se desenvolvem devem ser precisas.

O terreno deve ser escolhido de modo a se prestar ao ensino visado.

Quando fôr possível, ha vantagem:

a) em trabalhar no mesmo thema na ordem seguinte:

— exercicio na carta;
— exercicio de quadros sem tropa;

— exercicio de quadros com tropa;

— execução de tiros reaes correspondendo a uma ou varias phases do combate.

b) em estudar, durante a mesma sessão, uma só phase do mesmo exercicio.

c) em escolher os exercícios das unidades subordinadas no quadro dos exercícios das unidades superiores.

No decorrer desses exercícios, ligações e transmissões, reabastecimento e remuniciamento, e evacuações serão estudados.

Depois de cada exercicio, o director mostra os erros e resume os ensinamentos (oralmente ou por escrito).

Um excellente processo consiste em resumir no boletim, os erros e ensinamentos sob a forma de um anexo tactico, anexo que será depois distribuido ás unidades.

Outro processo consiste em redigir e distribuir ás unidades uma especie de correcção escrita do exercicio.

Estes processos facilitam a diffusão mais segura de uma doutrina e de meios de execução communs, permitindo, tambem, aos quadros, momentaneamente ausentes, não perderem os benefícios dessa instrucción.

Os exercícios na carta — têm por objectivo, seja realizar em sala um ensino particular, seja preparar ou criticar um exercicio no terreno.

Os exercícios no terreno — são executados em terrenos variados.

Os exercícios de quadro sem tropa limitam-se ao estudo do funcionamento dos E/M, grupos de commando e de unidades-quadros dotadas de todos os seus meios de ligação e transmissão.

Os exercícios de quadro com tropa são executados com unidades de manobras com efectivo de guerra e unidades-quadros, e desenvolvem-se seja em acção simples, seja diante de um plastron representando o inimigo, seja, emfim — com dupla acção, — o inimigo sendo, realmente, figurado por unidades de manobras.

Afim de evitar as inverosimilhanças, o inimigo age de acordo com as ordens do director do exercicio. Este ultimo pôde, assim, suscitar os incidentes proprios para pôr em relevo, um erro ou provocar decisões raciocinadas e rápidas.

Todo exercicio mal executado, é imediatamente interrompido e recomençado inteira ou parcialmente.

As operações dos destacamentos dos serviços de exploração e de segurança, são estudadas no quadro da grande unidade (D/C, D/I ou destacamento de todas as armas) e em ligação com ella.

Os exercícios de combate executam-se, frequentemente, na hypothese de uma unidade enquadrada.

O director do exercicio fixa as con-

dições de manobra: phases, altos previstos, signaes, toques, terrenos com pontos de passagem impraticaveis, figuração dos fogos — actividade aerea — e organisa o serviço de arbitragem.

No decorrer desses exercícios, o director exige que os seus subordinados deem ordens, sem commentários explicativos.

Esses commentários poderão ser feitos na critica, si o director do exercicio julgar necessarios.

Essa gymnastica do espirito, repetida muitas vezes, leva os quadros a decidir rapidamente e exprimir a sua vontade de modo claro, preciso e completo, quaesquer que sejam as circunstancias.

Na guerra, e particularmente na Cavallaria, o bom exito pertence muitas vezes ao chefe cuja rapidez de decisão e de acção surprehende o adversario em via de manobra, tornando, assim, vãs as ordens dadas por esse ultimo.

A instrucción dos quadros (particularmente para os officiaes) deve procurar tambem desenvolver a sua cultura geral e, por conseguinte, o seu prestigio.

Este ultimo objectivo será realizado mediante conferencias (de regimento e de guarnição) pouco numerosas e sobre assumtos bem escolhidos e perfeitamente tratados.

Cada cmt. de unidade é encarregado da instrucción dos seus quadros: o do esquadraõ, na sua unidade e o Coronel, no seu regimento.

Essa instrucción abrange:

- 1.º A instrucción dos officiaes;
- 2.º A instrucción dos sargentos;
- 3.º A instrucción dos cabos;
- 4.º A instrucción dos sargentos e cabos especialistas.

1.º A INSTRUCCÃO DOS OFFICIAES

A Instrucción dos Officiaes é dirigida pelo Coronel que fica por ella responsável.

Comprehende:

- Uma instrucción profissional e
- Uma instrucción geral.

Instrucción profissional — Tem por objectivo:

- diffundir entre os officiaes uma doutrina e processos de execução communs;
- formar chefes capazes de tomar decisões raciocinadas em todas as situações;
- desenvolver-lhes a iniciativa, a personalidade e o gosto pelas responsabilidades;
- acostumal-os a tomar soluções ousadas, porém, raciocinadas;
- manter os officiaes na pratica e no gosto dos sports e do emprego das armas;
- desenvolver as suas qualidades de instructor.

Todo oficial tem o dever:

- de conhecer perfeitamente todos os regulamentos de sua arma, cujas partes deve saber explicar, comentar e demonstrar;
- de possuir, no que concerne o emprego das outras armas, todos os conhecimentos necessários à execução das multiplas missões que, de acordo com a sua situação, um oficial de cavalaria pode ser chamado a desempenhar na guerra, seja individualmente, seja com a sua tropa;
- de aperfeiçoar, sem descanço, a sua instrução militar e geral;
- de se manter na prática: de uma equitação vigorosa e ousada, e do uso das armas, quaisquer que sejam;
- de estar ao par de todas as suas atribuições como instructor, e dos métodos e processos da instrução.

O Coronel faz sentir a sua ação:

- por meio de algumas palestras sobre os pontos dos regulamentos que precisem ser esclarecidos;
- pela organização de sessões de equitação (carrière ou exterior, picadeiro, adestramento) para os oficiais;
- pela obrigação imposta a cada um dos oficiais de ter, além do próprio cavalo d'armas, um cavalo novo de adestramento;
- pelo estímulo que dá à participação dos oficiais nas provas esportivas, equestre e de tiro (percursos de estafeta, campeonatos, concursos, cross countries e concurso de tiro);
- pela fiscalização constante da instrução dada nos esquadrões e pelotões;
- por meio dos exercícios na carta e no terreno, assignalados acima;
- por meio de algumas conferências sobre a instrução geral.

Em princípio, o Coronel dirige toda essa instrução, podendo encarregar o Major, ou um Capitão habilitado, da direção da instrução equestre.

Aproveitará da presença, no corpo, de certos oficiais especialistas (em armas automáticas, em informações, em transmissões, etc.) para fazerem conferências relativamente a assuntos particulares e preparar, assim, substitutos eventuais.

Tomará providências para que todos os tenentes façam, sucessivamente, um estágio no pelotão de metralhadoras regimental.

Instrução geral — Será ministrada nas condições indicadas no parágrafo "processos da Instrução".

2.º A INSTRUÇÃO DOS SARGENTOS

A instrução dos sargentos é dirigida, em cada esquadrão, pelo respetivo Capitão e tem por objectivo:

- Fazê-los executantes perfeitos, sobretudo no que concerne a equitação e o manejo e emprego de todos os engenhos de fogo da cavalaria;

- Torná-los capazes de dirigir um reconhecimento, um pequeno posto e um grupo de combate, e de substituir, eventualmente, o oficial, no comando do pelotão;
- Torná-los capazes de instruir as escolas do cavaleiro e do pelotão, e de secundar os oficiais na instrução.

Essa instrução comprehende:

- a) Uma instrução teórica e
- b) Uma instrução tática.

a) **Instrução teórica** — Essa instrução comprehende as bases da instrução e os anexos do R/ I/ Q/ T, no que lhes diz respeito, as escolas do cavaleiro, pelotão e esquadrão, os regulamentos de instrução física, de tiro e de serviço em campanha, no que concerne ao posto e às funções que porventura tenham de desempenhar e, enfim, as noções de higiene e hippologia;

b) **Instrução prática** — Essa instrução, conduzida ou fiscalizada de perto pelo Capitão, tem por objectivo preparar os sargentos:

- para o seu papel de instructor;
- para o cumprimento das missões que lhes possam tocar em campanha, seja isoladamente, seja no quadro do pelotão ou do esquadrão;
- para o seu papel eventual de comandante de grupo de combate.

Essa instrução é ministrada, conforme as indicações dadas no inicio deste estudo e deve ser conduzida num sentido muito prático.

De acordo com as ordens do coronel, os sargentos, ou pelo menos os melhores, tomam parte em certos exercícios dos oficiais (na carta e no terreno), o que lhe permite fiscalizar a instrução dada nos esquadrões e rectificar os erros de direção.

Além disso, os sargentos devem ser, frequentemente, exercitados:

- na leitura da carta;
- na orientação com a bussola;
- na redacção de ordens e partes;
- no estabelecimento de croquis rápidos e
- no emprego do binóculo e do milímetro.

O valor dos sargentos, como executantes, será desenvolvido:

- por meio de sessões de equitação próprias para criar cavaleiros de bom assento, ousados e aptos para tomar parte no adestramento dos cavalos novos;
- pela participação dos mesmos nas provas equestres (percurso de estafeta, concursos, cross-countries e nos concursos de tiro).

O Coronel faz sentir a sua ação por meio de uma fiscalização constante, não só sob o ponto de vista profissional, mas também sob o ponto de vista do valor disciplinar e moral dos sargentos.

Deve designar alguns delles para tirar o curso da respectiva Escola.

3.º A INSTRUÇÃO DOS CABOS

Todo cabo deve ser capaz:

- de comandar a esquadra respectiva em todas as circunstâncias da vida de campanha e no combate;
- de ensinar a escola do cavaleiro a pé e participar como monitor na do cavaleiro a cavalo.

Instrução teórica — A instrução teórica abrange o estudo e o conhecimento literal das noções elementares do regulamento: parte relativa à instrução dos cavaleiros, escola do pelotão e as funções dos cabos no Serviço em campanha e nos serviços internos e de guarnição.

Instrução prática — Praticamente o cabo deve:

- ser um bom executante, sobretudo na equitação e no tiro;
- saber desempenhar as funções de cmt. de esquadra no grupo de combate (volteadores — fuzileiros) e nas Secções de metralhadoras;
- saber conduzir uma patrulha e comandar um pequeno posto (com partes e croquis);
- ter noções de hippologia (cuidados com os cavalos; penso, toillete).

4.º A INSTRUÇÃO DOS SARGENTOS E CABOS ESPECIALISTAS

Os sargentos e cabos especialistas devem possuir um conhecimento profundo das instruções relativas à sua especialidade, assim como a prática completa do material que têm de empregar.

São na instrução, os auxiliares dos oficiais encarregados da instrução das especialidades.

Recebem uma instrução tática da sua especialidade, no decorrer dos exercícios de conjunto, no quadro da sua unidade.

A despeito das dificuldades materiais (necessidade de um material importante e de terrenos de exercícios apropriados) essa instrução deve ser activamente aperfeiçoada.

Os sargentos e cabos especialistas podem ser enviados aos centros de especialidades para, ahi, receber uma instrução técnica mais completa.

DOS CANDIDATOS A CABOS

Os candidatos a cabo do regimento recebem instrução num pelotão especial, sob a direção de um oficial designado pelo Coronel.

Este pelotão inicia os seus trabalhos o mais tardar no começo do 2.º mês da incorporação do 2.º contingente e compõe-se da totalidade dos candidatos fornecidos pelos dois contingentes.

A instrução dura, em princípio, três meses.

Os candidatos a cabo são propostos pelos comandantes de esquadrão e designados pelos dos corpos.

São escolhidos entre os cavaleiros que revelem inteligência, capacidade de trabalho, robustez e espírito de disciplina, e que pareçam ter aptidão para o comando.

Seu número é fixado de acordo com

as necessidades de graduados que se possam prever, tanto para o Exercito activo como para a reserva, levando em conta as diminuições inevitaveis.

Os candidatos a cabo conservam-se nas suas sub-unidades (para os misteres da vida quotidiana da caserna) e podem participar de certos exercícios importantes ou revistas prescritas pelos commandantes de corpos.

São reunidos, diariamente, e a maior parte das vezes, de manhã e á tarde para o adestramento do pelotão especial a que pertencem (R/ I/ Q/ T).

A sua instrucção comprehende:

- a) O Estudo dos 1.ºs elementos dos regulamentos, limitados ás partes importantes que devem ser conhecidas litteralmente notadamente as escolas do cavaleiro a pé e a cavallo). Noções summarias sobre as prescripções regulamentares relativas ás escolas do pelotão e do esquadrão. Conhecimento das funcções de cabo e de sargento, no serviço interno e de guarnição;
- b) A pratica completa da condueta da patrulha e do commando do posto;
- c) A pratica completa da condueta da esquadra (volteador ou fuzileiro);
- d) O Estudo e a pratica profunda de todas as armas do pelotão e a pratica da metralhadora.

No fim do curso, todos os candidatos a cabo do regimento fazem exame juntos e recebem grãos relativos aos seguintes pontos:

- Attitude e espirito da disciplina;
- Vigor a cavallo e no emprego das armas;
- Conhecimentos theoricos e praticos;
- Aptidão para o commando e
- Aptidão para instructor.

“Os melhores classificados serão promovidos a cabo no limite das vagas existentes e, posteriormente, á medida que elas forem ocorrendo.

Os que tiverem sido aprovados, mas não forem promovidos por falta de vaga — durante o seu tempo de serviço activo, — passarão para a reserva como cabos, quando houver vagas desse posto nos quadros de mobilização da unidade”. (R/ I/ Q/ T).

DOS CANDIDATOS A SARGENTO

A instrucção dos candidatos a sargento, iniciada pela instrucção dos quadros do esquadrão, é feita, dentro do regimento, num pelotão especial, sob a direcção de um official designado pelo Coronel.

“Este pelotão comprehende os candidatos ao posto de sargento, da activa ou da reserva, isto é, cabos e, eventualmente, cavaleiros que, tendo sido aprovados no exame para cabo e nesse obtido bôa classificação, não puderam ser promovidos por falta de vaga.

Abrange tambem os voluntarios de 4 mezes candidatos a sargento, de que tratam os artigos 9 letra “d” e 39 do R/S/M.

O curso de candidatos a sargento funciona durante 2 ou 3 mezes e comeca, no minimo, um mez depois de

terminado o curso do pelotão de candidatos a cabo”. (R/I/Q/T).

O programma da instrucção theorica é o mesmo que o dos sargentos. O de instrucção pratica, abrange:

- A conducta da patrulha e o commando do posto;
- A conducta do grupo de combate e
- A leitura da carta, a utilização da bussola e do binocolo, e a redacção de partes e a execução de croquis.

“Os candidatos a sargento, que fazem parte do respectivo pelotão para fins de instrucção, conservam-se nas sub-unidades e vão ao exercicio principal diario. A instrucção desse pelotão comprehende, unicamente, sessões especiaes e de aperfeiçoamento.

A classificação é feita de accôrdo com o resultado do exame final e influirá decisivamente nas promoções. Tambem neste posto, as promoções, que se não fizerem por falta de vaga, poderão effectuar-se no momento da passagem para a reserva”.

DO PESSOAL DO SERVIÇO DE CONTADORES DO CORPO E DAS SUB-UNIDADES

A instrucção desse pessoal (sargentos e cabos contadores, furrieis e do material bellico) é dirigida pelo Fiscal e ministrada pelos officiaes contadores, de accôrdo com as ordens do commandante do corpo e fóra do serviço quotidiano.

ANEXO I

CONSELHOS AOS INSTRUCTORES DA TROPA

1.º — Para instruir bem é preciso que o instructor conheça os seus instruendos:

- Physicamente, os seus meios e
- Moralmente, os seus recursos de intelligent e de instrucção, e os seus sentimentos.

Estudal-os e clasifical-os sob esse duplo ponto de vista, eis um dos principaes escopos do instructor, que terá de tirar, em muitas occasões, o maximo de provimento dessas imprescindíveis qualidades.

A primeira classificação, sendo facil, será feita depois de pouco tempo.

A segunda exige-o mais e requer do instructor qualidades de psychologo.

Observar os seus instruendos e ganhar a sua confiança, devem ser preocupações constantes do instructor.

Do exposto, conclue-se que:

- A instrucção deve ser individual.

Sendo esse idéal de realização difficult, ella deve ser ministrada, pelo menos no inicio, em pequenos grupos de cavaleiros e, tanto quanto possível, homogeneos.

Esse metodo tem a vanta-

gem de poder a instrucção ser prosseguida normalmente, pois não sendo seguida pelos retardatarios, esses não a perturbam.

— A cada grupo dar-se-á o monitor que lhe seja conveniente, afim de se obter o maximo de rendimento:

Aos de intelligencia escassa, pouco instruidos e timidos, um monitor calmo, astuto, moderado e capaz de se fazer comprehendere e

Aos demais, um monitor de temperamento mais vivo dará, talvez, melhores resultados.

No esquadrão, o Capitão, que deve conhecer perfeitamente os seus quadros, effectuará essa escolha.

Elle deve ter em vista, que instruir e commandar são coisas diferentes, e que tal official ou graduado, que comanda perfeitamente a sua unidade, não a instruirá tão bem como aquelle outro.

- 2.º — O metodo da instrucção deve ser demonstrativo.

A instrucção materializada é mais rapida, menos fastidiosa e mais facil de ser guardada.

Todo ensinamento novo, quer se trate de instrucção individual a pé ou a cavallo, de serviço em campanha, ou de formações e evoluções, deve ser previamente executado por cavaleiros antigos, para que os recrutas gravem-no nitidamente.

Feito isso, o assumpto é explanado e explicado aos ditos recrutas pelo respectivo instructor, que, em seguida, fará repetir o que foi feito anteriormente, corrigindo-os e explicando-os, novamente, na parte ou partes que não forem bem executadas.

Procura todos os meios materiaes que facilitem o desenvolvimento da instrucção, fazendo ressaltar á vista os diversos assumptos por meio de quadros schematicos, desenhos, dizeres affixados nos alojamentos, refeitorios, cinematographos, etc.

- 3.º — O metodo da instrucção deve procurar, tambem, desenvolver o julgamento.

Nunca se deve dar um ensinamento nem corrigir um erro sem a apresentação da respectiva prova.

Mostrar a razão de ser de tudo quanto se ensina.

Ir do simples ao composto. Jâmais fazer abstracção do terreno e do inimigo.

- 4.º — A progressão, que não é intangivel, nenhum outro escopo tem a não ser o de guia.

O instructor recebe do capitão as instrucções sobre o objectivo a atingir e a consequente progressão.

No caso de ser o referido objectivo atingido antes da época

ca fixada, esse facto não deve tolher a acção do instructor, que passará, sem demora, a tratar de novos assumptos, sem ficar, de modo algum, preso a datas previstas. No caso contrario, demorar-se-á nos assumptos até que fiquem perfeitamente conhecidos dos cavaleiros.

5.º — Toda sessão de instrução deve ter um fim preciso e fixado pela progressão do Capitão.

6.º — Toda sessão de instrução deve ser preparada de antemão pelo Instructor.

Essa preparação comporta uma parte intellectual e uma material.

A 1.ª, consistindo na escolha do terreno e, se fôr o caso, na dos incidentes que melhor resultem aquillo que se deseja ensinar.

Da ultima faz parte a reparação dos diversos papeis entre os monitores, previsão do material e, se fôr o caso, a sua collocação no terreno (manequins, signaes convencionados, segundo um código, para representação do inimigo e dos seus fogos, etc., e uniforme da tropa).

7.º — A instrução deve fugir á abstracção e ser, antes de tudo, prática.

A abstracção não seria compreendida.

D'onde: pouca palavra e muita acção.

Não pedir ao homem para dar uma explicação, mas propor-lhe um problema e dizer-lhe: Execute!

8.º — A instrução deve fugir ao aborrecimento e á monotonia.

A repetição dos mesmos gestos causa fadiga e tédio.

Variar os exercícios.

A instrução por grupos e a permutação circular entre os mesmos permitem obter esse resultado.

Não prolongar uma sessão de instrução com homens que tenham atingido o fim fixado, mas sim fazer, caso seja preciso, classes de retardatários, prosseguindo com os demais.

Tornar a instrução atraente.

9.º — O trabalho deve ser continuo durante as sessões de instrução.

Não se deve perder tempo, principalmente durante os deslocamentos do quartel para o terreno de exercicio ou para o campo de tiro.

Durante uma sessão de instrução, os homens ou fornecem o esforço maximo, ou descansam. Não ha situação intermedia.

Recompensar os que trabalham, dispensando-os desde que tenham obtido o resultado desejado, é de todo util.

Isso servirá de estímulo aos preguiçosos.

10.º — A instrução deve ser ministrada com energia, sem descuidar-se da saude dos homens.

D'ahi a necessidade de:

- Dar-lhes momentos de repouso;
- Modificar o exercicio se a temperatura assim o exige;
- Fazer com que tomem as precauções necessarias;
- Manter-se ao corrente de seu estado de saude e mandar á visita medica os que, por timidez, não se queixam.

11.º — A instrução deve ser ministrada energica, ordenada e methodicamente.

Querer, mas querer sómente aquillo que é possivel.

Saber o que se pôde obter a todo momento.

12.º — A instrução deve ser ministrada com humor.

A alegria é uma qualidade congenita da arma.

“La victoire est au dernier gai”.

“La gaieté est un courage — un courage de plus”.

13.º — Esforçar-se para que tudo corra depressa e bem.

E' outra qualidade cavalleirosa a desenvolver, quer a pé, quer a cavallo e em todas as ocasiões.

14.º — A instrução deve ser ministrada fóra dos quartéis.

Será assim mais atraente. Mudar cada dia de terreno.

15.º — O instructor deve dar o exemplo de iniciativa, desenvolvendo-a entre os subordinados, porque:

- Cria a responsabilidade que estimula a acção;
- A guerra deixa o graduado, e mesmo o soldado, fóra, muita vez, da autoridade do chefe.

Para que os homens nada façam passivamente e actuem em todas as ocasiões no sentido desejado, é necessário que a isso se tenham acostumado.

O espirito de iniciativa é uma das qualidades características da arma. Importa, pois, desenvolver-o entre os cavalleiros sob as duas condições seguintes:

- a) O chefe embora deixando agir, reserva a si o direito de verificação e
- b) A iniciativa só é deixada áquelles que sejam merecedores de confiança, isto é, capazes de pensar e agir como se deseja.

16.º — O instructor deve ser correcto e os homens devem perceber o interesse que toma pela instrução.

Deve impor-se quer como executante, quer pelo saber. A tropa é o reflexo do chefe.

17.º — O logar do instructor é aquelle onde melhor possa ser ouvido, e visto, e, tambem, melhor possa vêr.

Os auxiliares verificam a execução dos detalhes.

18.º — O instructor deve applicar o principio do estímulo para a criação de homens de escol:

- a) Atiradores, metralhadores, esclarecedores, fuzileiros, granadeiros, cuja utilidade não ha necessidade de commentarios.
- b) Além disso, uma elite moral que será, em campanha, o nucleo de homens de confiança, com os quaes o chefe pôde contar e que o comprehendem nos seus menores gestos, pois que pensam com elle.

Em tempo de paz, esse grupo de homens de escol formará o nucleo em redor do qual crystalizar-se-á, pouco a pouco, o conjunto da unidade.

19.º — O espirito de disciplina deve ser constantemente incentivado.

Desenvolvel-o durante a vida militar e por todos os meios.

Toda sessão de instrução é iniciada por uma inspecção meticulous dos uniformes e termina por alguns movimentos de ordem unida.

20.º — Introduzir a idéa do emprego tactico desde o começo da instrução.

O recruta deve, desde o inicio da instrução, receber a noção da guerra.

Esta noção consiste, essencialmente para elle, na obrigaçao de pôr o adversario fóra de combate, e no conhecimento do perigo a superar: matar ou arriscar-se a ser morto.

O mosquetão, sendo a arma primordial do cavalleiro, é necessario colocal-o, desde o inicio, em suas mãos, não para fazer manejo d'armas, cuja utilidade não seria comprehendida pelo recruta, mas sim para atirar e servir-se da sua bayoneta, afim de botar um inimigo fóra de combate.

Quanto a sentir o risco de ser morto não se poderá conseguir se não forem materializados os effeitos do fogo inimigo; e, além disso, a materialização do fogo amigo mostrará a possibilidade de lutar, vitoriosamente, contra o outro.

Ademais, o facto de agir sempre em condições proximas da realidade, desenvolve, pela repetição, os reflexos do combate e crea a iniciativa.

21.º — Só o instructor exigente consigo mesmo, poderá exigir dos seus instruendos um esforço maximo para obter resultado.

A aviação e a artilharia antiaerea

1º Ten. Edgard Alvares Lopes

Adjunto da D. A.

Organização essencialmente científica, a Aviação necessita de um pessoal convenientemente habilitado para servil-a e isso não se obtém facilmente.

Os bons pilotos, observadores e navegadores aéreos e um pessoal técnico competente, sómente com muita prática ficam em condições de permitir o seu funcionamento contínuo e eficaz.

A Aviação só será uma Arma, digna desse nome, se possuir um pessoal preparado com todo o cuidado.

A prática tem demonstrado e as estatísticas comprovam que pelo menos 50 % dos acidentes aéreos são devidos ao pessoal navegante.

Entre os que labutam na nossa 5.ª Arma recém criada, se nota o mais acendrado amor ao trabalho e vontade firme no sentido de que o Brasil venha a ficar no mesmo pé de igualdade dos países que têm cuidado com o devido interesse de tão importante questão.

Na América do Sul, a Argentina, o Chile e o Peru, muito principalmente este último, todos estão tratando de resolver o seu problema aéreo, da melhor forma possível e de acordo com as suas possibilidades financeiras e condições geográficas. As escolas de Ancon e Las Palmas da grande república peruviana, honram sobremodo esse paiz amigo.

A técnica na construção das aeronaves, tem progredido de uma maneira notável e a nenhum paiz pôde passar desapercebido esse facto. Esses passaros mecânicos que apenas deveriam servir para a aproximação entre os povos, vão sendo cada vez mais, dotados de aperfeiçoamentos para fins militares.

Diariamente vemos surgir novos tipos de apparelhos que constituem incontestavelmente, verdadeiras vitórias na luta pela conquista do ar.

Vão sendo elles providos de olhos que permitem uma observação segura nas diversas alturas de vôo, mesmo á 4 e 5 mil metros de altura. Com apparelhos photographicos aperfeiçoadíssimos, são capazes de tudo descobrir num moderno campo de batalha, fornecendo dados aos Estados Maiores, para o conhecimento das intenções das forças adversas e á Artilharia para o cumprimento da sua missão, isto é, a destruição.

Além disso, as faculdades volatrizes dos aviões têm aumentado muito, pôde hoje um apparelho permanecer varias horas no ar, cobrindo grandes distâncias em tempos relativamente pequenos.

Armados com metralhadoras permitindo centenas de tiro por minuto e de bombas com muitos kilos de alto explosivo, capazes de produzir efeitos formidáveis de destruição, não se pôde prever até onde chegará o poder offensivo dessa arma, cuja missão, como vemos é destruir e informar.

Apezar dos progressos por que vem passando a construção das aeronaves, não pôde a defesa do ar ficar exclusivamente entregue aos aviões. Cabe á Artilharia Antiaerea auxiliar-a nesse mistér e o pôde fazer de uma maneira continua e proveitosa.

Possuindo fogos de grande mobilidade dentro da meia esfera, cujo raio corresponde ao alcance máximo dos seus canhões, consegue formar um "plafond", abaixo do qual os aviões inimigos correm grande risco de serem abatidos.

Imaginemos essa meia esfera com um raio de 4 ou 5.000 metros com a possibilidade de ser batida pelos canhões de 105 e 75 mm, pelos canhões automáticos de pequeno calibre, permitindo modernamente cerca de 120 tiros por minuto; ajuntemos a tudo isso o formidável fogo das metralhadoras pesadas de 12 e 13 m/m e mesmo das de 7 m/m, para os apparelhos que se aventurassem a vôar baixo e teremos uma idéa do que pôdem fazer os órgãos de fogo localizados em terra.

O General francez Vouillement em recente artigo, dá uma idéa nítida do que se acaba de expôr.

Em vista dos progressos sempre crescentes da Aviação, vão surgindo, naturalmente, os meios de defesa contra essa nova arma de guerra, quer no domínio do ar, quer nas organizações de terra.

Si os batalhões dispuserem de metralhadoras de 12 ou 13 m/m. com balas de cerca de 25 grammas de peso, tanto para os tiros de terra como para os do ar, de balas traçadoras e de apparelhos de pontaria aperfeiçoados, poderão agir contra os aviões que vôarem baixo para tomar parte na batalha de terra. Ficarão em condições, assim, de manter a aviação inimiga fóra de um "plafond" bastante considerável.

A Artilharia de campanha deve por seu lado permitir deslocamentos verticais dos seus canhões até 70 graus, afim de poder seguir os aviões em todos os azimutis. Quanto maior fôr o volume de acção dos materiais de campanha, tanto mais poderão servir para o tiro contra aviões.

Quanto á Artilharia Anti-aerea, vimos em artigo anterior quais os progressos que tem experimentado e o que della se deve esperar. Todos acompanham com interesse esses progressos que marcham pari-passu aos da aviação.

Como vemos, não é facil a um paiz possuir rapidamente uma aviação bem organizada — o problema é complexo e de solução dispendiosa.

O governo que ora dirige os destinos da Nação tem demonstrado a maior boa vontade em dotar o paiz de uma aviação digna do seu progresso. Convém é que todos trabalhem com afinco para que a terra de Santos Dumont venha a ocupar na América o logar que já devia ter ocupado.

SUBSIDIOS PARA OS QUADROS DE RESERVA DE ARTILHARIA

Execução do tiro na Bia de 75. (Notas dos cursos da M. M. F., do R. T. A. e de publicações francesas)

Pelo Capitães EMILIO RIBAS JUNIOR e IGNACIO JOSE VERRISSIMO

PRIMEIRA PARTE

(Continuação).

COLLOCAÇÃO DA BIA. EM VIGILANCIA

A) Collocação da peça directriz em vigilancia (tarefa do Capitão).

- a) Processos rápidos
- A' vista (1)
- Por balisamento (1)
- Por pontaria ao G.B.
- Por pontaria a prancheta
- Por ponto de pontaria.
- Por G.B. declinado
- Por prancheta declinada.

- b) Processos lentos
- Com G.B. e auxilio de D.R.
- Com prancheta e auxilio de D.R.

B) Formação do feixe paralelo (tarefa do Comite da linha de fogo).

Por ponto de pontaria.
Por pontaria reciproca sobre uma peça.
Por pontaria ao G.B. (transformado em ponto de pontaria).

C) Pontaria pela alma da peça:

- a) Para melhorar a pontaria da peça directriz;
- b) Para melhorar a formação do feixe paralelo.
- A) Collocação da peça directriz em vigilancia—Processos rápidos.

— Por pontaria ao G.B. :

Nós vimos, quando estudamos a collocação da peça directriz em vigilancia pelo processo da collocação á vista, que a condição para elle ser possível era de que da peça ou das suas proximidades imediatas se visse o ponto de vigilancia (fig. 1).

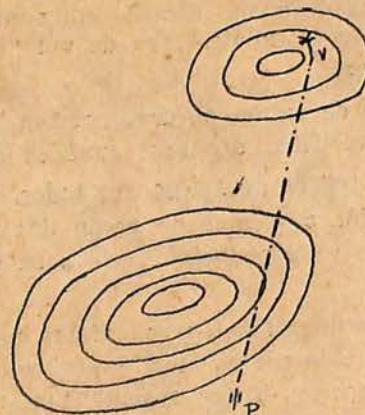


Fig. 1
Da peça se vê o ponto de vigilância. Pode-se apontar "à vista".

Em seguida tratando do processo de balisamento vimos que da peça não se via o ponto de vigilância, mas que (para o processo ser aplicável) era necessário que o operador, se deslocando para a frente, visse o ponto de vigilância e a peça (fig. 2).

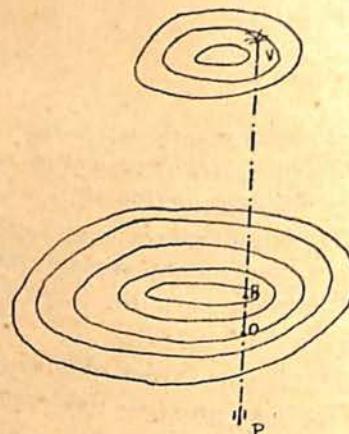


Fig. 2

Da peça não se vê o ponto de vigilância, mas o operador se deslocando para "a frente" podia ver não só "V" como a peça. Pode-se apontar por "balisamento".

Mas pode acontecer que tudo isso se passe — isto é — que o operador, se deslocando para a frente, veja o ponto de vigilância e veja a peça e não seja possível aplicar o processo de balisamento. Imaginemos na fig. 2, a presença de um matto em A de um terreno impraticável (terreno alagadiço) de uma casa, etc. (fig. 3).

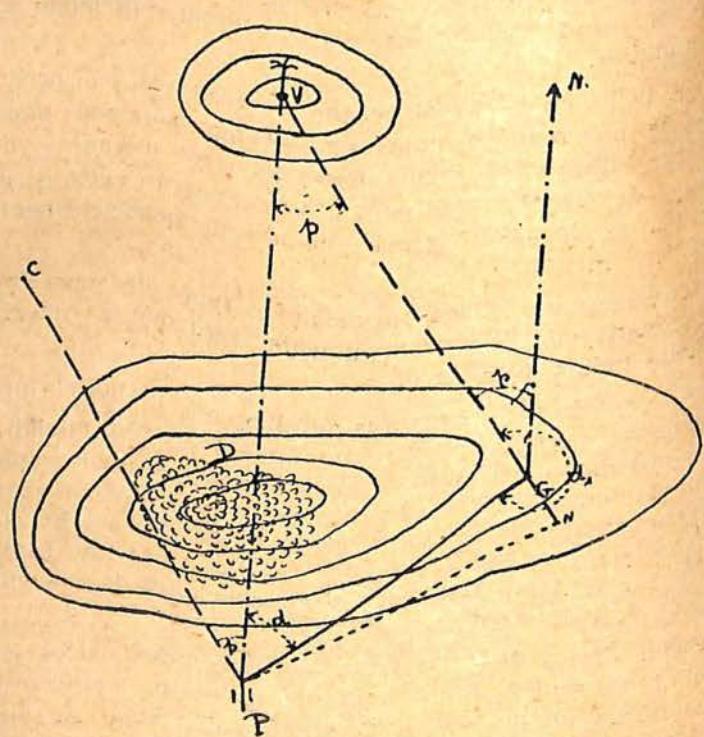


Fig. 3

O matto "A" não permite empregar o balisamento. É-se obrigado a procurar um observatório lateral sobre o próprio morro "M" e empregar o processo de "pontaria ao G.B."

ou que a distância entre a elevação M e a peça P seja tal que se torne preferível buscar um observatório mais próximo da peça, embora não colocado no eixo do tiro

(1) O gráfico indica que já foram estudados — Ver Defesa Nacional de Setembro e Outubro, pag. 79.

8.a) Comandar é peça a deriva final e fazer a peça referir sobre o *G.B.*

Nestes dois casos que examinamos (fig. 3 e 4 vimos que as operações exigiam:

- uma correção de parallaxe que poderia ser *positiva ou negativa*.
 - a subtração de 3200 ao valor do angulo formado entre a direcção da linha zero-3200 do instrumento e a peça ou, no caso de impossibilidade, a soma desse valor.

Ora é facil concluir que qualquer engano no signal da parallaxe; qualquer engano na subtraçāo ou somma de 3200 conduzirá, fatalmente, o operador a erro grave.

E' possivel, entretanto, entregar ao *systema nervoso* do instrumento o cuidado dessas operações e evitar assim, não só os enganos possiveis como tornar o processo mais expedito.

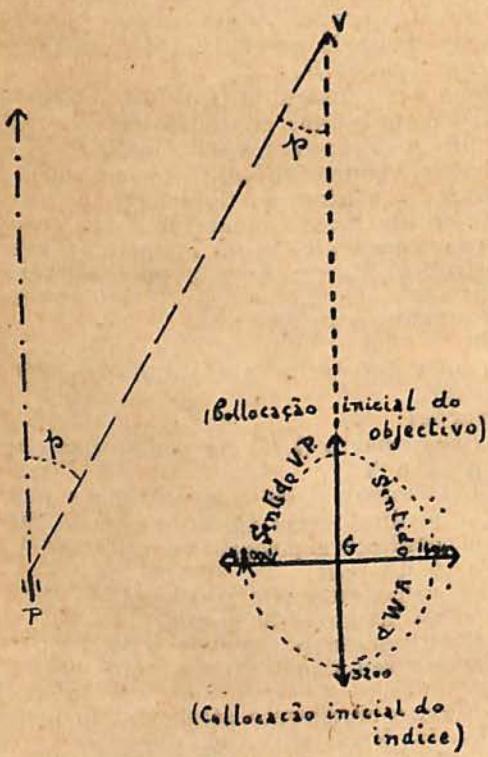


Fig. 5

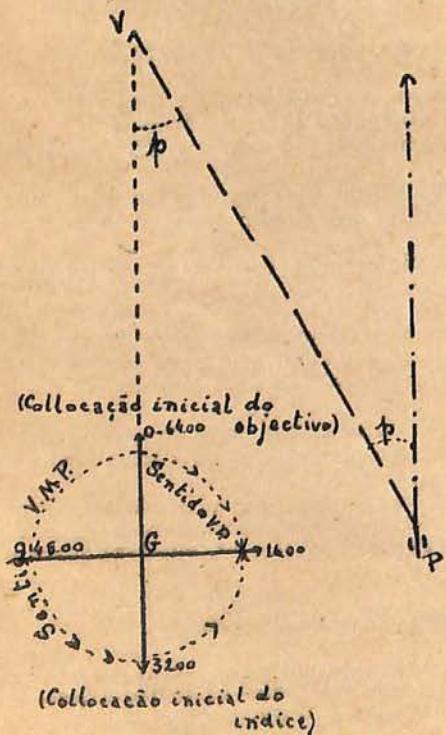


Fig. 6

Essa simplificação, devida ao Cap. Alexandrino Pereira da Motta (7), consiste no seguinte:

- 1.) Registrar no instrumento 3200 (a somma ou a subtracão de 3200, é um dos elementos dà formula $d1=d2+p+3200+n$). Aqui começa-se registrando no apparelho esse valor.
 - 2.a) Com o *movimento* geral visar o ponto de vigilancia e fixar ahi o instrumento.
 - 3.a) Feito isso, visar com o *movimento particular* o goniometro da peça deslocando a luneta do *G.B.* pelo caminho mais curto (8).
 - 4.a) Uma vez visada a peça *não ler nenhum angulo* mas notar, apenas, a graduacão marcada no tambor e continuar a agir no botão serrilhado, de modo a fazer o tambor avançar (no mesmo sentido em que vinha avançando) do valor absoluto da parallaxe *p*. Como não se leva, em conta o signal da paralaxe, mas apenas o seu valor absoluto, impõe-se registral-o no sentido mesmo do avançamento do tambor da luneta. Dahi a preocupacão de medir o angulo *V-peça* pelo caminho *mais curto*, isto é, medil-o num só sentido da graduacão.
 - 5.) Ler em seguida o valor final registrado no instrumento, isto é, o valor 3200 (origem da contagem imposta pelo registro inicial no instrumento) mais ou menos o angulo *d1*, (angulo *V-peça*) mais ou menos a parallaxe *p*.
 - 6.a) Sommar a esse angulo a deriva normal; comandar á peça o valor final obtido e fazel-a referir a pontaria sobre o instrumento.

Além desses 3 casos (fig. 3-4-5 e 6) em que o G.B. fica colocado lateralmente, poderemos ter um outro (fig. 7) em que o G.B. fica a retaguarda da peça.

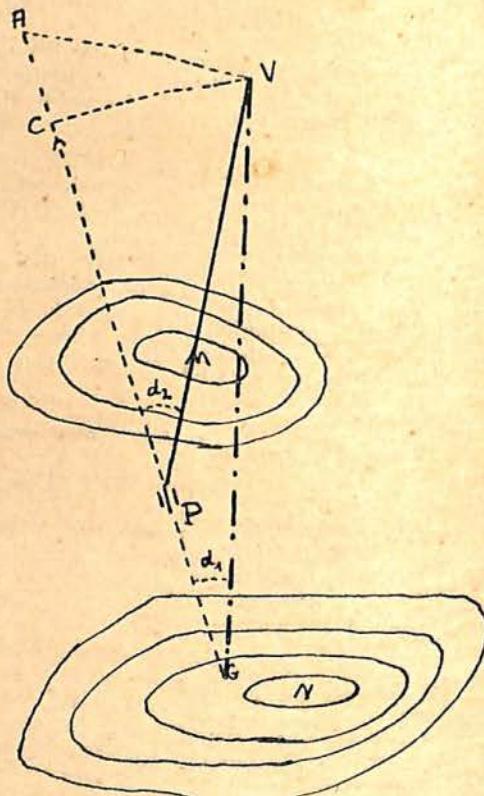


Fig. 7

Não se pode ir (por um motivo qualquer) ao morro "M", logo não se pode empregar o balisamento, mas o observatorio escolhido em vez de estar collocado lateralmente, como na fig. 4, está á rectaguarda. Pode-se então simplificar a operação.

(*) Angulo d1—3200),

(5) Quando o G.B. está a direita do plano de tiro da peça, a parallaxe é negativa; quando a esquerda é positiva.

(6) Ver nota 8 pg. 79. — Defesa Nacional Setembro e Outubro de 1927.

- Estacionar a prancheta em um ponto qualquer A (fig. 8) de onde se veja, ao mesmo tempo, o ponto de vigilancia V e a peça P. Fixar aí a prancheta.
- 2.º) De um ponto qualquer a da prancheta e com o auxílio da alidade visar o ponto de vigilancia V. Traçar a linha *av* correspondente a visada. Uma vez de posse dessa linha *av* determinar o valor da parallaxe *p*.
 — medindo esse ângulo na carta (quando se conhece a posição respectiva de V, da peça e da prancheta).
 — calculando esse ângulo (ver nota 3).
 — estimando esse ângulo.
- 4.º) Obtida a parallaxe e com o auxílio do transferidor traçar a recta *ab* que faz com a recta *av* (obtida na operação 2) o ângulo *p* da parallaxe (10).
- 5.º) Em seguida, fazendo ponto em *a* visar com o auxílio da alidade a peça P e traçar a linha *aP*. A linha *aP* e a linha *ab* formam entre si um ângulo *d*. Medir com o transferidor esse ângulo (zero sobre a linha *ab*).
- 7.º) Subtrahir (ou sommar se fôr isso possível subtrahir) ao ângulo *d*, 3200 e, em seguida, comandar a peça esse resultado (*d* + 3200) acrescido da deriva normal.
- 8.º) A peça, de posse do resultado final (*d* + 3200 mais a deriva normal) regista a deriva e visa a prancheta ferindo a sua pontaria sobre um lapis collocado verticalmente pelo capitão em um ponto qualquer da linha *aP* (11).

Quando é possível ver o ponto de vigilancia e a peça de uma posição a retaguarda desta (fig. 9) o problema se simplifica, pois não precisamos (como no caso de estar a prancheta collocada lateralmente) calcular a parallaxe e, em consequencia, as rectas traçadas sobre a prancheta são o resultado de visadas feitas sobre pontos do terreno. (12).

Então: operações

- 1.º) Estacionar a prancheta em um ponto A (fig. 9)

colocado a rectaguarda da peça e de onde se veja, ao mesmo tempo, o ponto de vigilancia V. e a peça P. Fixar aí a prancheta.

- 2.º) De um ponto qualquer *a* da prancheta e com auxílio da alidade visar o ponto de vigilancia V. Traçar a linha *av* correspondente a visada.
- 3.º) Visar, em seguida, o ponto de vigilancia V e, fazendo centro em *a*, traçar a recta *av*. Obtem-se assim o ângulo *a* formado entre as rectas *aP* e *av*.
- 4.º) Medir, com o transferidor, o ângulo *a* (origem da contagem sobre a recta *aP*).

Si a distância que separa a prancheta A do ponto de vigilancia V e a que separa a peça P desse mesmo ponto forem tais, que a distância *P* a *A* se torne desresível, o ângulo *a* (que da posição da prancheta mede o afastamento *BV*) pôde ser assimilado ao ângulo *b* (que da posição da peça mede aquelle afastamento *BV*).

- 5.º) Desde que tal assimilação não seja possível impõe-se aplicar ao ângulo *a* (medido sobre a prancheta) a fórmula de redução (ver fig. 7).

(9) A fórmula de redução se deduz da seguinte maneira:
 Na fig. 7, tracemos de V a perpendicular *VC* à linha *G.P.A.*. Nos 2 triângulos *PCV* e *GCV* o cateto *VC* é igual:

$$\begin{aligned} VC &= GV \operatorname{sen} d1 \\ VC &= P.V. \operatorname{sen} d2 \end{aligned}$$

ou

$$PV \operatorname{sen} d2 = GV \operatorname{sen} d1$$

Substituindo o seno pelo ângulo temos:

$$PVd2 = GVd1 \quad \text{ou:} \quad \frac{PV}{GV} = \frac{d1}{d2}$$

(10) Essa recta traçada a direita (esquerda) da linha *av* se a prancheta está a direita (esquerda) da linha peça ponto de vigilancia.

(11) A colocaçao do lapis verticalmente sobre a linha *aP* se impõe pela necessidade de fixar um ponto unico de referencia sobre a prancheta.

(12) E' o que se passa quando se opera com o *G.B.* (ver fig. 7).

ESCOLA DE TIRO DE ARTILHARIA

(Resposta de um infante convencido)

SIMPLÉSMENTE monumental, no meu apagado entendimento, a ideia ocorrida no espírito pujante do artilheiro incognito que sob o título acima, em letras minusculas e minúsculo artigo, como que medrosamente, deu, porém, formidável grito de alerta e ao mesmo tempo de desabafo. De alerta porque clara e succinctamente encarou a união que deve existir entre o fogo da infantaria e o da artilharia ambas mais do que nunca ligadas pelas necessidades duras dos combates, mas união até agora praticamente irrealizada entre nós. De desabafo porque, afastando certas peias de um respeito público muito em voga ainda, arrostando sobranceiramente a ira que porventura despertasse, concitou seus irmãos de classe a reflectir durante o exiguo mas suficiente tempo de 5 minutos, inquirindo-se energeticamente em consciencia, sobre as condições de preparo proprio para bem executar o acompanhamento da infantaria em ação. Desassombradamente como só acontecer com os caracteres fracos e honestos aconselhou textualmente o

articulista: "Sublinhe a lapis azul no regulamento o que ainda não sabe fazer e verá que as paginas se irão enchendo e azulejando."

Não venho aqui para fazer appello semelhante aos meus camaradas infantas; sua consciencia que lhes advirta e dirija. Desejo apenas collaborar com o camarada artilheiro articulista, mostrando um ponto por elle esquecido ou desconhecido, terrivelmente assustador e que receberia remate irrefragável com a criaçao da citada escola de fogo Infantaria-Artilharia.

Não me levem, porém, a mal os camaradas artilheiros, a franqueza que se vae seguir. Primeiro a reconhecer e a proclamar o alto valor technico dos officiaes de artilharia brasileiros, pois os conheço applicados e estudosos, patriotas e amigos dos seus patrícios, não consegui ainda — perdoem a desconfiança ao infante — capacitar-me de que, dado o caso, a postos infantes e artilheiros, se realize a decantada precedencia do fogo da artilharia ligado á ação da infantaria, senão em casos theoricos, tratados os assumptos muito por alto;

não pensem que almeje ver os tiros cair a uma centena de metros na minha frente para que me convença da realidade; bastava-me presenciar no terreno os entendimentos que devem ser feitos entre o chefe que vae apoiar e o apoiado, sentir que lá da frente onde age a infantaria chegam os pedidos e receber a resposta.

Urge que vejamos, que sintamos trabalhando quotidianamente em intensa ligação, o apoio da artilharia concretizado no terreno, ao em vez de saber theoricamente de sua existencia. Por ora o que cremos firmemente é que esse auxilio prestimoso, sem o qual sabemos que nunca venceremos, não nos chegará oportunamente quando pedido ou desejado. Isto na melhor das hypotheses, pois duvidamos de vê-lo convertido — alguns milesimos mais, ou menos — em nosso martyrio.

Esta ligação imperiosa, esta confiança céga só podem ser conseguidas pelo contacto diario em trabalhos communs, pela camaradagem do fogo a realizar, afinal, numa escola como a proposta.

A propósito da situação militar

Pelo Cap. J. B. MAGALHÃES

A RESOLUÇÃO prática do problema militar brasileiro não apresenta ainda, apesar dos múltiplos esforços despendidos em numerosíssimas tentativas, um desenvolvimento satisfatório e concorde com as necessidades da segurança nacional, ficando sempre insatisfatório tanto o que se refere ao pessoal como ao material.

Theoricamente, ou melhor, no terreno da abstracção, tem sido encarado em toda plenitude, mas aquelas mesmas que o têm posto em equação e até indicado os processos para determinação de suas raízes, não têm, em muitos casos, mesmo em todos os casos saído ou podido executar os cálculos necessários à determinação de tais raízes, dando prova, portanto, de insuficiência prática. Estas raízes têm sido achadas sem dúvida, não porém, convenientemente isoladas, vindo sempre envoltas de elementos que não deixam apreciar seu justo valor.

Certamente a razão destas dificuldades existe na interdependência dos fenômenos que se podem classificar de relativos ao *pessoal*, e ao *material*, no âmbito do Exército propriamente dito; e depois devendo ser considerados em relação à dependência necessária entre o Exército e a Nação.

Ora, as questões relativas a estes fenômenos, têm sido tentadas resolver ou independentemente umas das outras ou tomadas de uma só vez, donde o terem certamente fracassado as tentativas.

Em nenhuma delas se considerou que, sendo os elementos dependentes uns dos outros e que não tendo estes sido postos suficientemente em evidência, era impossível obter um resultado real e total, como convém, antes de um trabalho prévio preparatório que realisse esta condição.

Em essência este trabalho consistiria em discernir nitidamente a seriação natural das questões para poder se actuar sobre elas conforme a ordem de importância que apresentam.

E, entre nós, de tal modo sensível a falta de vistas práticas e nitidas sobre o problema que, muitas vezes, mesmo dirigindo-se a actividade inicialmente sobre o ponto justo e certo, logo depois se perde, invertendo-se até a ordem natural das coisas. Como não se contrariam debalde as leis naturais, têm sempre sobrevindo fracassos verdadeiros à maioria, à quasi totalidade de nossas tentativas. E' um exemplo o que se tem feito até agora para regenerar, ou melhor, revigorar o valor dos regenerados, actuando-se sobre as camadas inferiores e deixando intactas as camadas superiores, à espera de uma transformação lenta. Além de ser isto o desrespeito da ordem natural, é difficultar o problema e desperdiçar esforços, a menos que a hierarquia não fosse uma necessidade e sim mera artificialidade.

Não há dúvida que se poderia argumentar haver-se seguido assim o curso natural do crescimento e da renovação dos organismos vivos, (de baixo para cima e de dentro para fora), mas isto será uma verdade apenas aparente, porque a ação de desenvolvimento não é desse modo dirigida pelos órgãos centrais e principais donde parte de facto a impulsão da vida.

Por outro lado, a força regeneradora tem sido às vezes exterior, e actuando sobre partes secundárias e mal collocadas do sistema, tem provocado desequilíbrios graves, abrindo crises difíceis de debelar.

A observância das leis naturais que regem os fenômenos é, em toda parte, condição imprescindível ao sucesso desde que se deseje obter um progresso normal, isto é, no menor tempo, com o mínimo de esforços e com economia de trabalho. Estas leis cumprem-se *a fortiori*, mesmo contra a vontade dos homens. Estes podem perturbar sua marcha, jamais detê-la no curso da fatalidade que elas representam.

* * *

E' claro que o aspecto predominante na preparação da guerra é o *relativo ao pessoal* por que é o *pessoal* quem prepara e faz a guerra; — da capacidade dos homens dependem as realizações materiais tanto nos trabalhos preparatórios, como na própria execução da guerra. O homem não prescinde de meios materiais para desenvolver ao máximo suas forças, mas o material é por si mesmo inerte.

Nessas condições, pode-se concluir que a primeira causa a cuidar na organização da guerra é do *pessoal*, procurando-se collocá-lo em condições de produzir o máximo trabalho de que seja capaz. Obtida esta condição, dotá-lo dos meios materiais para que se torne uma realidade a força que é suscetível de produzir, tal a providencia que se deve seguir.

O próprio preparo do pessoal, a proporção que carece ser desenvolvida, ou melhor, a proporção que pode ser desenvolvida, exige a realização de certas dotações materiais. Não é necessário porém — se desde logo todas as ferramentas na mão de um aprendiz carpinteiro; elle não saberia utilizá-las e com isso prejudicaria sua cultura, adquirindo vícios de execução. Ao contrário, estas devem-lhe ser dadas gradativa e methodicamente de modo que tenha tempo de aprender a maneja-las e de aperfeiçoar-se, desenvolvendo-se cada vez mais.

Não devem, porém, faltar porque assim ficaria retardado ou incapaz de progresso.

A importância preponderante do problema do *pessoal* tem sido antevista por nós mas, visivelmente, de um modo incompleto. Parece mesmo que nos vêm sendo imposta pela fatalidade da evolução natural contra a vontade dos homens, que nada fazem para facilitar logicamente a solução e antes deixam as boas medidas tomadas sempre incompletas e por isso com productividade reduzida.

Pode-se dizer que o primeiro passo eficaz para a preparação da guerra no Brasil foi dado pela ação do Marechal Mallet sobre os quadros, isto é, sobre o pessoal; e que o ultimo é representado pelo contrato da M. F.

As medidas desta ordem têm predominado e frutificado mas com uma redução muito maior que 50 % por que não têm sido removidas as resistências criadas pela falta

de compreensão de sua importância. E' desse modo que vêm elas, desacompanhadas de seus complementos necessários, efectuando um progresso verdadero mas continuamente retardado.

Facil será imaginar a mésse enorme de resultados que haveríamos colhido desde a ação inicial, si paralelamente surgissem sempre as actuações attentas, para tirar das providências adoptadas, o maximo rendimento. A ausencia de tais complementos só pode ser dignamente explicada pela falta de confiança da opinião nas medidas adoptadas, ou melhor, pela incomprensão de seus valores.

Enquanto as ações tendentes a collocar os quadros em condições de progresso verdadero não produzem um minimo de efeitos uteis, nenhum emprehendimento por mais brillante apparencia que possua, representará obra definitiva e progresso estavel e real.

De facto, sendo o problema do pessoal predominante, os quadros são a sua célula central, o elemento donde partem os impulsos. Elles é que formam a mentalidade, interpretam e indicam, as medidas necessárias. Devem satisfazer, por isso, a condições mínimas: capacidade profissional uniforme e justa; cultura geral bastante para comprehendem o problema geral e avaliarem as necessidades e possibilidades nacionaes; dirigirem-se conforme uma mentalidade apropriada e uniforme em suas linhas principaes.

Estas condições não podem ser obtidas certamente com o mesmo desenvolvimento em toda escala da hierarchia em que os quadros se constituem, nem na massa geral delles. Nem isso é indispensável. Mas os elementos directores dos quadros devem satisfaze-las ao maximo sem o que nenhum trabalho normal é possível. Estes elementos directores são os órgãos do commando e seus estados maiores.

E' portanto, questão fundamental de toda organização militar efficiente, tratar de obter *commandos* e *estados maiores* aptos, como base de uma ação constructora.

* * *

E' uma verdade corrente que as questões mais geraes e mais simples são sempre as mais difíceis. E' uma observação universal: — a teoria dos numeros e a escala musical necessitaram mais séculos para sua construção definitiva que o cálculo transcidente e a teoria da harmonia.

Não é, pois, estranhável que no Brasil se haja pretendido resolver o problema militar relegando para segundo plano as questões relativas aos quadros, o que prova o facto de serem as regras e processos de promoção, ainda em uso, os mesmos de 1891, com as pequena alterações introduzidas a respeito dos *officiaes sem curso*. Após isso novas necessidades de cursos foram verificadas, mas nenhuma influencia prática ou teórica vieram exercer sobre as promoções. Só se têm feito o que tem sido impossível deixar de fazer.

A respeito de tal questão, a mentalidade geral acha-se mesmo um pouco retardada, necessitando por isso as reformas a serem introduzidas qualidades de inteligência e de carácter assás notaveis, por parte daquelles que as podem e devem fazer.

E' o que nos revelam as attitudes e comentários correntes a propósito do projecto Paes de Oliveira sobre promoções, onde os pontos de vista meramente pessoais dominaram por completo.

Em grande numero de opiniões manifestadas, a analyse do projecto em questão não passou das vantagens ou prejuízos de ordem pessoal que adviriam uma vez feita lei a reforma do deputado matogrossense, com esquecimento da enormíssima importancia geral das medidas propostas.

Medidas como as projectadas agora, com as correcções necessarias, já deveriam estar em curso ha mais de sete annos. E si isso se houvesse dado, nossa situação militar seria bem outra evidentemente.

Basta considerar, para aquilatar o asserto do que avançamos que as inovações propostas acham-se adoptadas ou por lei ou por praxe, *mutatis mutandis*, na Argentina, no Chile, na Alemanha e na França, fundamentalmente a grandesa militar destas grandes nações.

Pode-es mesmo dizer que a proposição Paes de Oliveira contem exatamente com as correcções que adiante indicamos, o que é necessário ser adoptado na situação actual do problema da organização logica dos quadros e que se não são as unicas providencias possíveis, são no entanto as mais convenientes e talvez mesmo as unicas convenientes. Um trabalho definitivo sobre promoções, na situação actual dos quadros, não será bem recebido e melhor executado. Uma transição é necessaria para podermos atingir a um régimen normal.

As correcções a que nos referimos são em essencia: — estabelecer um prazo para que os officiaes que não têm ainda o curso da E.A.O. ou E.P.C., se habilitem; — esclarecer que as vantagens concedidas aos primeiros tenentes com o curso de E.M. cessam com a promoção ao posto de capitão;

- tornar extensiva aos officiaes dos serviços, no que fôr applicavel, vantagens analogas a dos combatentes com o curso de E.M.
- determinar que em caso algum, o official fóra do exercicio de funções militares possa ser promovido;
- determinar a condição indispensavel para a promoção de um tempo minimo de exercicio de comando em cada posto a partir de capitão, levadas em contas a organização das armas, para os officiaes combatentes.

Não consideramos aqui a questão relativa aos officiaes technicos entre os quais ha alguns de notável merecimento em nosso meio. Para estes, só ha uma solução, a criação dos quadros technicos. Consideramos sempre que a promoção não é premio nem direito, e sim o preenchimento de uma necessidade militar, portanto devendo escolher os que mais convém no exercicio da função.

Não se pense que julgamos encontrar em medidas da ordem das propostas a solução

definitiva e completa da questão. Vemos apanhas ahi um fundamento a estabelecer para que com efficacia se possam adoptar outras indispensaveis á boa formação dos quadros. Vemos, como complemento, a necessidade de adoptarem-se disposições que impeçam o ilogismo de terem destino differente daquelle para que foram preparados, com sacrifícios pecuniarios para a Nação, officiaes apenas terminado este preparo, quando ha falta e necessidade delles; e de se tomarem as providencias materiaes que permittam aos *commandos* e *E.M.* (incluindo as chefias de serviços) instruirem-se convenientemente.

O grão *minimo* de instrucção admissivel para os *Commandos* e *E.M.* requer um apparelhamento material relativamente insignificante, sendo o mais caro e tambem o mais util e indispensavel, a perfeita organisação das transmissões.

Isto obtido passa-se naturalmente a pensar na existencia de uma tropa convenientemente organizada sem a qual a instrucção dos *commandos* e dos *E.M.*, ficará sempre deficiente. Para a organisação dessa tropa ha necessidade de nunca descer aquem de um certo minimo, sejam quaes forem as dificuldades, porque si isto não for realizado a segurança nacional corre riscos muito serios que cada vez exigem maior tempo para serem corrigidos.

Bem sabemos que quem faz a guerra é a *tropa*, mas para haver tropa efficaz é preciso haver antes *commandos* e estados maiores capazes de fazerem-na primeiro e de aplicarem-na depois.

Na historia do mundo são numerosos os exemplos comprobantes do valor e da importancia destas questões. Entre elles colhemos um, o da campanha de 1912-1913 entre os Turcos e os Estados Balkanicos. Ha ahi sobretudo a nos ferirem a attenção o exemplo e as experiencias turcas. Não somos como a Turquia de então uma velha nação em crise, para decomposição; mas, no polo oposto, somos um paiz em crise de crescimento. Aqui como lá o Exercito soffre consequencias de uma situação social e politica prolongada que tem passado por phases mais ou menos agudas; são deficess as comunicações e tambem o povo é inculto. Na Turquia, quando arrebentou a guerra não havia missão militar allemã terminado sua obra de transformação dos velhos guerreiros turcos em guerreiros novos; e a situação do Exercito achava-se desnivelada e sua evolução retardada pelas resistencias que velhos elementos oppunham ao progresso. Veio a guerra e a Turquia foi batida. As razões fundamentaes dessa derrota ficam muito claras contemplando-se o aspecto do seu quadro de officiaes.

Diz Immanuel citando von der Goltz:

“Le tableau que nous présente le baron von der Goltz montre clairement la triste situation que a été faite à la mission militaire allemande, le peu de liberté d'action que lui a été laissé et sur quel sol ingrat elle était appelée à travailler. Nous renvoyons, à ce sujet, à l'excellent exposé du feld maréchal que a paru sous le titre:

“L'armée de la Turquie rajeunie.”

“Jusqu'en 1908, et par conséquent pendant toute la durée de la mission militaire allemande, l'armée turque a été comme en-

chainée. Le sultan Abd-ul-Hamid parlait volontiers, il est vrai, de ses bonnes intentions à son égard et il n'est pas impossible qu'il en ait réellement eu au commencement de son règne, mais sa funeste méfiance l'empêcha de prendre jamais une décision et de la traduire par des actes.

... “L'armée souffre encore aujourd'hui des suites de cette erreur (nous savons que les craintes du feld maréchal ont été de beaucoup dépassées par les événements); les troupes ne desposaient que de leurs casernes et de terrains d'exercices attenantes et n'étaient aucunement exercées et instruites en vue de la guerre. Elles ne faisaient plus d'airs veritables ni de service en campagne et on avait renoncé à faire executer même les manœuvres les plus simples par de grandes unités...”

Estas e outras impressionantes citações que Immanuel faz da obra de von der Goltz e os judiciosos comentários que lhes acrescenta para apreciar o justo valor militar com que o Exercito Turco encetou a campanha de 1912, merecem ser conhecidas e profundamente meditadas. Infelizmente não cabem no quadro deste artigo mais longas transcrições e apenas queremos citar aquellas que possam conduzir o leitor a pensar nas causas fundamentaes da derrota militar turca.

As leis fatais do progresso, impulsionando a evolução turca, por insuficiencia dos elementos dirigentes e influentes na sociedade, conduziram á revolução. Da luta entre o conservantismo e o reformismo originou-se uma situação extremamente delicada para o Exercito Turco, desde logo submetido á uma evolução um tanto anarchica, debatendo-se entre os extremismos de correntes de idéas e tendencias diametralmente opostas. A guerra colheu-o em meio dessa evolução, em periodo critico e portanto em condições impróprias.

A situação é admiravelmente bem definida pelo General Pallat em seu livro *Guerres des Balkans (1912-1913)* — quando elle aprecia o valor militar dos quadros, que synthetisam sem nenhuma duvida — é verdade se- diça — o valor dos exercitos.

Em resumo o general Pallat, baseando-se como Immanuel, em documentos allemaes, salienta que ao entrar em campanha, o Exercito Turco, se decompunha em duas partes distintas; uma moderna em formação; outra nada mais sendo que uma multidão de homens armados, dos quais muitos sem nenhuma instrucção militar.

Quanto á officialidade, seu quadro também se devidia em duas partes distintas: officiaes com os cursos das escolas e officiaes sem estes cursos. Os primeiros eram arrogantes e possuíam uma educação livre e ondas acções da guerra tão proximas da realidade quanto é possivel obter na paz; os segundos eram ignorantes e incultos e não tinham a menor noção da manobra e do fogo, em uma palavra, da preparação da guerra. Os primeiros não eram inactivos mas consagravam seu tempo a cogitações theóricas e abstractas sobre a guerra e a vagos serviços de estado maior.

Em tais condições, pois, é facil compreender-se a derrota da Turquia e sua expulsão quasi total da Europa.

Mas isto põe em fóco a importancia e o cuidado que devem merecer os quadros.

Tactica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior pelo professor de Tactica de Infantaria Ten. Cel. HUGUES da M. M. F.

3.ª CONFERENCIA

O MOVIMENTO DA INFANTARIA PARA O CAMPO DE BATALHA — MARCHAS — TRANSPORTES — MARCHA DE APROXIMAÇÃO

SUMMARIO:

- I — Marchas de estrada:
 - a) marcha é a base de toda operação de guerra;
 - b) regulamentação das marchas: a tropa, o T. C. e o T. E.;
- II — Os transportes:
 - a) por estrada de ferro;
 - b) em automoveis.
- III — A marcha de aproximação:

I — MARCHAS DE ESTRADA

No Brasil a marcha a pé será a regra geral e o transporte uma exceção, por isso os E. M. e a tropa devem estar treinados na execução e preparação de longas marchas de estrada.

Em campanha o combate não é diário, ao passo que a marcha, o deslocamento são de todos os dias mesmo na guerra de estabilização. A marcha continua a ser a base de toda a acção de guerra, apesar dos progressos das estradas de ferro, dos automoveis e da aviação e a infantaria deve deslocar-se a pé na maioria dos casos para aproximar-se do adversário, tomar o contacto e engajarse.

Dentre os exemplos da ultima guerra cita a marcha de seu regimento o 144º R. I., que, apóz ter-se batido em CHARLEROI a 23 de Agosto, inicia a 24 o movimento de retirada que o leva a 5 de Setembro á MONTCEAUX LES PROVINS (a mais ou menos 2 etapas de marcha de PARIS) tendo ainda nesse periodo tomado parte na batalha de GUISE e defendido em DORMANS a passagem do MARNE. São 380 kms. em 14 dias de marcha ou uma etapa media de 27 kms., com uma etapa de 40 kms., a 24 de Agosto e outro de 60 kms. também em 24 horas de 31 de Agosto a 1 de Setembro.

E sem repouso, toma parte na batalha do MARNE e a 12 do mesmo dia está em frente de CRAONNE, depois de ter sido empênhado 2 vezes.

De 6 a 13 de Setembro percorre assim 140 kms. em 6 dias ou uma etapa media de 17,5 kms.

São, ao todo 20 dias de marcha interrupta, 520 kms. ou a media de 26 kms. por dia, no inicio da campanha, com metade do efectivo composta de reservistas pouco treinados.

Porém, maiores provas deu a Infantaria em 1917, por occasião do retrahimento alemão para as posições de HINDENBURGO, quando fez 20 dias de marcha de aproximação em terre-

no todo cortado por destruições, tempo muito chuvoso e com homens que tinham perdido o treinamento de marcha.

No fim da guerra, surge a necessidade da marcha á noite, porque o commando deseja realizar a surpresa. Este processo terá no futuro grande valor e por isso a infantaria deve estar treinada na marcha á noite, que implica em grandes fadigas e exige muita disciplina.

Factos novos, verificados durante e depois da guerra, modificaram os processos de execução de marcha da infantaria, sem comodo destruir as condições dessa marcha.

Alguns desses factos acham-se ligados às condições da guerra:

- 1 — aumento do alcance da artilharia,
- 2 — progresso da aeronautica,
- 3 — aparecimento de meios rápidos de transporte;

os quais modificam o valor da expressão longe do inimigo; outros dizem respeito á organização das armas:

- 4 — nova organização das unidades da infantaria,
- 5 — unidades novas,
- 6 — aumento da impedimenta.

Actualmente tropa alguma tem o direito de considerar-se "longe do inimigo", isto é, de considerar-se em segurança perfeita qualquer que seja a distância a que esteja do inimigo e quer se encontre ou não ao abrigo de frente fortificada. Em marcha longe da frente, nos acontonamentos de repouso e mesmo no interior do paiz, as tropas estão sujeitas, sem que se espere, á acção do inimigo.

A organização da infantaria influiu também sobre a execução da marcha, principalmente, devido ao aumento do T. C. Ora, um R. I. brasileiro tem aproximadamente 4.000 homens, 820 animas (um para 5 homens) e 200 viaturas (167 exactamente) (uma para 20 homens); admittindo-se que a profundidade de uma columna por 3 é igual a 2/3 do numero de homens e que uma columna de viaturas é igual a 15 vezes o numero de viaturas, a profundidade da columna de combate de R.I. (tropa mais T.C.) será igual a $4000 \times 2/3 + 15 \times 167 = 2666$ mais 2505 ou 5171 ms., donde se verifica que a columna de viaturas do T. C. de um R. I. ocupa na estrada profundidade igual a da columna da tropa.

Trata-se, portanto, de fazer marchar uma columna de tropa e outra de T. C. com profundidade aproximada de 2500 ms. e regular o movimento do T. E. que não se acha englobado na columna de combate.

Para a regulamentação da marcha d tropa deve-se recorrer ao R. S. C.,

tendo-se o cuidado de prestar a maxima atenção á disciplina de marcha, capital para a infantaria brasileira que terá que percorrer más estradas e realizar muitas marchas á noite.

O mesmo regulamento é omissivo quanto ao movimento do T. C., problema muito delicado. O longo T. C. da infantaria é scindido em T. C1. e T. C2. para attender a ordem de urgencia na chegada das viaturas sobre o campo de batalha. A repartição das viaturas não é sempre a mesma. Em regra o T. C1. comprehende tudo o que é imediatamente necessário no combate (munição, explosivo, transmissão, ferramentas, material de engenharia) e o T. C2. o que pôde momentaneamente ser dispensado (viaturas de viveres e bagagem, etc.). Os carros cozinhas fazem, ora parte do T. C1. ora do T. C2.

Só o T. C1 do R. I. (de todas as sub-unidades) comprehende 65 viaturas ou 1000 ms., de profundidade, o que é ainda muito.

Em certos casos, ha vantagem em deixar para traz todas as viaturas que não serão necessarias durante a marcha ou logo depois da chegada. Em outros casos, porém, viaturas ha que serão puxadas bem para a frente (viaturas de transmissão, viaturas para aliviar a tropa, carros cozinhas).

Se os itinerarios não são bons e os agrupamentos de viaturas marcham isolados, ha vantagem em lhes dar um pessoal auxiliar (principalmente sapadores).

Hoje, mais do que outrora, é impressionante que o infante seja um bom andejo, porque devido á especialização é ainda mais necessário que a infantaria chegue ao campo de batalha com todo o seu pessoal. Compreende-se perfeitamente o prejuizo que haveria se em uma Cia. 12 homens, justamente os fuzileiros metralhadores ficasse estropiados; seria uma Cia. desorganizada por algum tempo.

Conclusões:—Para a tropa: 1) preferencia para a marcha á noite; 2) abandono das estradas principais por itinerarios desenfiados das vidas terrestres e aereas; 3) renuncia de trazer consigo todas as viaturas para desembaraçar a estrada e diminuir a profundidade das columnas; 4) necessidade da infantaria poder realizar marchas longas e penosas.

Para os E. M. — 1) ter o maximo cuidado na confecção da ordem de movimento — o A. BC do oficial de Estado Maior. Ali não se trata sómente de calcular a profundidade das columnas, as velocidades de escoamento, a escolha dos P. I. e determinação da hora de passagem nestes. Devem ser feitas com a constante preocupação nas consequencias que resultarão para os executantes daquillo que se escreve ou se dicta. 2) preparar as marchas. Esta preparação não cabe sómente aos officiaes de E. M.; nella tomam parte principal os quadros de

todos os escalões das unidades. Uma boa preparação ainda é mais indispensável no futuro, em face das marchas à noite, ao abandono das grandes estradas e à falta de treinamento provável.

Uma das principais medidas da preparação consiste na expedição prévia dos **destacamentos precursoros** com a missão de:

- verificar a viabilidade dos itinerários;
- reconhecer os pontos onde é provável que se dê atravancamento, melhorar esses pontos ou informar a respeito o comando;
- balizar os itinerários;
- verificar a existência e o estado das passagens sobre os rios.

Essas missões podem ser executadas pela Vg. mas casos há em que as colunas não tem Vg. e então se impõe o destacamento precursor.

Além disso é preciso prever os conhecimentos dos pontos de estacio-

b) O transporte de tropas em automóveis foi empregado durante a guerra 1914-1918 e delle foi a infantaria a arma que mais se aproveitou.

O primeiro emprego do autobus foi feito logo no inicio da guerra para transportar a infantaria que devia reforçar o corpo de cavalaria SORDET, em operações na BELGICA.

Depois, são os famosos Taxis do MARNE e o auxílio que prestam os automóveis na corrida para o mar.

Com a estabilização das frentes o emprego do automóvel torna-se geral e em 1916 elle é intensivo.

Deles ficou bem gravada a imagem dos "caminhões de VERDUN", enfileirados sobre a "VIA SACRA".

Em 1918, tanto na defensiva como na ofensiva, a manobra por meio de caminhões tornou-se um facto. Só em Maio o serviço de automóveis transportou em 7 dias a infantaria de 7 divisões.

No BRASIL, parece difícil o emprego tão generalizado dos auto-caminhões, devido ao numero e estado das estradas. Comtudo, como a construção das estradas de rodagem prece-

Assim um caminhão tem uma capacidade regular para os homens e quase nenhuma para os animais e viaturas (sómente carro cozinha e carro munição). Dentro de um R. I. o numero de auto-caminhões para o transporte dos homens é sensivelmente igual ao necessário para o dos animais e viaturas.

Dahi a necessidade de separar em todo transporte por auto, a tropa propriamente dita das equipagens que a acompanham.

Esta situação traz poucos inconvenientes para uma infantaria que se desloca para a retaguarda ou muito longe do inimigo; mas não acontece o mesmo quando ella marcha para a batalha.

Para remediar esses inconvenientes foram criados vários tipos de transporte (4), variáveis de acordo com as disponibilidades e o numero de animais e viaturas a transportar:

Typo A: transporte de uma divisão completa com a sua A. D.;

Typo B: idem dos elementos a pé de uma divisão e de certas viaturas com cavalos;

ORGANIZAÇÃO COMPARADA DAS INFANTARIAS BRASILEIRA E FRANCEZA

	Homens	Viaturas	ANIMAES			Observações
			Sella	Tiro	Carga	
I) Batalhão.....	Brasil	1080	43	22	119	21
	França	820	46		162	80
II) Regimento.....	Brasil	3978	192	143	575	103
	França	2870	200		821	400

namento pelos estacionadores, afim de assegurar nas melhores condições o repouso e a alimentação da tropa.

II — TRANSPORTES

Tratar-se-á sómente dos transportes por estrada de ferro e estrada "de terra", deixando de lado os transportes por via naveável e aérea. Entretanto salienta desde já a importância que para o Brasil têm os transportes marítimos, empregados paralelamente aos de estrada de ferro.

a) O transporte da infantaria por estrada de ferro está regulado pelas Instruções Provisórias para o Serviço de Transportes Militares por Estrada de Ferro. Não ha dificuldade para o pessoal, mas o material e os animais exigem um pessoal adestrado desde o tempo de paz (turmas de embarque, condutores, ordenanças, etc.). Basta dizer que um R. I. necessita aproximadamente de 6 trens para o seu transporte.

Esse transporte por estrada de ferro só se justifica quando o percurso é, no mínimo, de 75 a 100 kms.

de á das estradas de ferro, pôde-se admitir que o transporte em auto permita prolongar o transporte por estrada de ferro e que em certos casos possa ser empregado em proveito da manobra montada pelo chefe, de modo a realizar a surpresa nos flancos ou na retaguarda.

Para sua utilização convém fixar alguns dados técnicos do problema.

O primeiro é que elle só assegura vantagem quando o percurso é superior a 20 kms. Para percursos menores de 20 kms. basta aligeirar os homens, collocando suas mochilas em caminhões automóveis ou outras viaturas de requisição que acompanharão a tropa.

O segundo diz respeito ao numero de caminhões necessários para o transporte de um dado efectivo.

Um auto-caminhão pôde levar:

- 150 mochilas;
- 16 a 22 homens;
- 1 a 5 Toneladas de material.
- 1 carro cozinha;
- 3 a 5 cavalos.

Typo C: idem da infantaria e certas viaturas com cavalos;

Typo D: idem de infantaria com algumas viaturas, mas sem os cavalos.

O transporte tipo D deve ser considerado como o normal, porque os outros exigem caminhões especialmente preparados para os cavalos, caminhões sem tolda para as cozinhas, etc.

Um R. I. transportado pelo tipo D disporá apôz o desembarque: pessoal combatente com o respectivo armamento (inclusive Mtrs. e Ptr. Acp.), ferramenta de sapa portátil, viveres e munição da carga individual reforçados com um supplemento retirado do T. C. e T. E.; viaturas de transmissão e um primeiro elemento de reunição (um caminhão por Btl.). Nota-se ahi que as Mtrs., ficam sem meios de transporte, a não ser que se lance mão de meios de fortuna como por exemplo as viaturas requisitadas no local de desembarque.

Batalhão de cobertura — Em 1918, por occasião da ofensiva alemã de Março, algumas unidades de infantaria (o R. I. Colonial de Marrocos, por

A França mantinha um Exercito em pé de paz proximo do effectivo do Exercito Allemão e em pé de guerra com diferença insignificante para menos.

A percentagem de homens em serviço na França excedia consideravelmente a que regalava na Alemanha. Enquanto esta incorporava apenas 52,7 % na previsão de serem elevadas a 53,2 % a França instruia 78,1 %, prevendo leva-los a 82,9 %. Tambem a Belgica tinha em vista elevar a percentagem: Em quasi todos os paizes europeus havia uma grande actividade militar." Todos se preparam para a Grande Guerra em perspectiva. Só a Alemanha e a Austria-Hungria não participavam dessa preparação. Enquanto que neste ultimo paiz o Governo insistia de ha muito para elevar o effectivo de paz, na Alemanha a autorização referente ao quinquenato militar era reduzida ás proporções minimas sob a alegação da má situação financeira.

Verdadeiramente só em 1914 deveria haver um insignificante aumento nos efectivos. Cercada de inimigos deixava a Alemanha anualmente consideravel numero de jovens em idade de prestarem serviço, sem pazes para a defesa do Paiz."

Sobre as operações a realizar, em caso de guerra, se considerava perfuntoriamente que a França seria então o inimigo mais perigoso. Contra ella devia agir o grosso enquanto que, contra a Russia a situação deveria corresponder a uma defensiva, com o minimo de forças possivel.

Pelo memorial em questão não se podia concluir que a Alemanha planejava uma guerra. Ela esperava ao contrario o ataque imaginava como se defender. No memorial não visava guerra contra este ou aquelle Paiz.

Seu objectivo era ressalvar a responsabilidade do E. M. E.

A consequencia desse memorial foi o aumento de efectivos de paz correspondente a 29.000 homens, a partir de Junho de 1912. Elle não correspondeu absolutamente ás necessidades.

No anno de 1912 a situação era ainda mais tensa.

Outro memorial entregue ao Chefe do Gabinete (Reichskanzler) a 21-12-12 mostrava a perspectiva que se desenhava. Nelle se declarava que numa guerra futura, na Europa, aliassasse aos inimigos dos Imperios Centraes. A situação da Austria em vista da attitudde dos paizes Balkanicos estava em jogo.

Em relação á fidelidade da Italia o novo memorial não se mostrava tão duvidoso como o anterior. Agora, com um auxilio decisivo della ao lado da Alemanha não se contava. Sabia-se que os 3 exercitos (5 C E e 2 D C) não seriam enviados para o Rheno Superior. O auxilio então correspondia apenas em obrigar os franceses a distrahir pequenos efectivos para guardar as fronteiras nos Alpes.

A "Triplice Aliança", assim se reduzia a uma Aliança defensiva. Trazia pois o stygma de sua fraqueza...

As apparencias da Triplice-Entente pareciam corresponder a de uma situação defensiva, entretanto isso destoava de seus fins politicos onde se enxergava uma tendencia puramente offensiva.

Assim, a Russia aspirava aniquilar a Austria-Hungria, com auxilio da Servia, de modo a abrir um caminho para o Adriatico, a isto se oppondo naturalmente aquelle Imperio. A França se esforçava para reconquistar a Alsacia e Lorena, vingando-se ao mesmo tempo da derrota de 1870, contra o

que a Alemanha deveria se oppôr. Quanto á Inglaterra, era seu desejo, com auxilio de seu aliados, se ver livre do poder marítimo allemao.

A Alemanha não pensando em aniquilar o poder naval inglez entretanto queria defender o que era seu.

De um lado pois caracteristicas indiscutiveis de offensiva e do outro o de uma defensiva.

N'um caso de guerra as responsabilidades principaes pesariam sobre a Alemanha.

Tomar a offensiva em uma das frentes, isto corresponderia a nos conservarmos na defensiva em outras e apenas com effectivos minimos. A offensiva indubitablemente teria como objectivo a França."

Essa solução dava a esperança de uma decisão rapida enquanto que uma offensiva contra a Russia não deixava prevér desfecho proximo.

Agora, agir offensivamente contra a França importava em ferir a neutralidade belga e só atravessando a Belgica seria possivel a lucta campal contra o Exercito frances com possibilidade de então bate-lo. Tomando-se resolução de atravessar a Belgica teria a Alemanha que se defrontar com o Exercito inglez e tambem com os belgas, caso não fosse possivel um entendimento.

Mesmo assim a perspectiva de uma decisão rapida teria maiores probabilidades do que a lucta frontal.

O ataque á frete fortificada da fronteira francesa corresponderia a uma guerra de posições, custaria um tempo precioso, tolieria ao Exercito o seu *élan* e iniciativa e isto a Alemanha teria que aproveitar até ao maximo, tanto maior fosse o numero de adversarios, com o que aliás contava."

A inferioridade da Alemanha diante da França e Inglaterra seria em caso de guerra de 124 Btis. e, contando com a Belgica 192.

A superioridade russa sobre a Alemanha, Austria-Hungria e Rumania seria de 374 Btis., 319 esquadões e 82 baterias de campanha.

Devia-se considerar tambem que a Russia de anno para anno se fortalecia cada vez mais.

Tambem as fronteiras Allemães necessitavam de reforços.

Era preciso contar com um ataque imediato no oriente e occidente, em seguida á mobilização, o que viria perturbar consideravelmente a da Allem.."

"A necessidade de aumentar o numero de incorporados e melhoramento da defesa do territorio allemao tinham sido já examinados.

A situação politica impunha uma solução. Por certo isto corresponderia a sacrificios pessoais e pecuniarios uma vez satisfactas parcialmente as proposições referidas na 2.^a parte do memorial. Em todo o caso, esses sacrificios seriam muito inferiores aos que correspondessem a uma derrota."

Nos paizes inimigos esforços consideraveis eram feitos para melhorar o poder de cada um.

Tambem a Alemanha deveria se sacrificar.

Na 2.^a parte, do memorial, eram feitas as proposições. Homens havia o sufficiente para se poder aumentar o numero de incorporados. A França incorporava 82 % dos alistados, a Alemanha de 52 a 54 %. Adoptasse, pois, a Alemanha a mesma percentagem, dando a mais um contingente de 150.000 incorporados e elevasse os efectivos de paz a 300.000 homens.

"O augmento da incorporação de jovens aptos para o serviço correspondia sem duvida a um dever social.

Assim se conseguiria que homens de certa idade, com responsabilidade de familia, ficassesem em parte libertos afim de se

dedicarem ao cultivo da terra emquanto muitos jovens levavam vida ociosa por não poderem ser incorporados.

As principaes proposições eram as seguintes:

Augmentar os effectivos de todas as armas do Exercito activo afim de dar ás formações valor e efficiencia.

Criação no minimo de mais tres corpos de Exercito afim de nivelar os effectivos aos que tivessem de ser enfrentados na fronteira occidental e melhorar, por conseguinte, a situação defensiva prevista, na fronteira oriental.

Criação de 3 inspecções e de diversos regimentos de Cavallaria.

Completar os effectivos da Artilharia a pé, da Engenharia e tropas de communicações.

Melhoramentos do Serviço de Comboios, etc.

Ampliação e melhoramento das dotações de carros cozinhas, munições e artilharia anti-aerea. Melhorar a defesa dos fortes da Thorn.

Tambem digno de importancia eram as proposições referentes a uma reforma das formações da Reserva, inclusive a Ldw, onde certas restrições deveriam ser introduzidas. A França tinha augmentado a sua efficiencia militar, sendo que o valor das formações da Reserva tinha sido consideravelmente elevado.

A memoria fôra annexa uma estatística referente á dotação do material. Mais tarde, detalhes ao Reichstag.

Em consequencia do ultimo memorial adveio o augmento de 3 de Julho de 1913 elevando o effectivo do Exercito de paz para mais 117.267 h., porém a criação minima de 3 corpos de Exercito não foi concedida.

As proposições já referidas e as justificativas provieram da pena do então Coronel Ludendorff, Chefe de uma das Seções do Grande E. M.

Com sua tenacidade elle já havia conseguido o que foi dito, infelizmente porém não de mais 3 CE não chegara ao Reichstag.

Est caso por ser de importancia, precisa ser aqui esclarecido. O então Ministro da Guerra, General von Herringen, tratando do assumpto em 1919, disse não ter concordado com a criação de mais 3 C. E. porque o S. de E. M. e criação de novos elementos. As insistencias do E. M. não produziram o efecto desejado. Ainda em 1.^o de Março de 1913 o Chefe do E. M. do Exercito escrevia ao Chefe do Gabinete (Reichskanzler) insistindo para que ao menos conseguisse a criação de mais um C. E. até 1.^o de Outubro pois que o serviço de 3 annos ia ser restabelecido na França. Mais tarde ainda fallara o Chefe do E. M. dizendo que fôra informado que se tratava na Russia do augmento de mais 3 ou 4 CE e isso coincidia com o augmento do tempo de serviço no Exercito francês.

O programma expôsto no memorial de 21-12-1912 já não correspondia inteiramente á situação futura entretanto urgia executá-lo. Mais uma vez o Chefe do E. M. se entendendo não só para que o effectivo de paz fosse augmentado como tambem para que fossem criados os 3 C. E. pedidos no memorial declarado e que isso respondia ao minimo das exigencias. O Ministro da Guerra recebera copias do memorial de 1.^o e 5 de Março. Esses factos foram apontados para assinalar a autoridade de que estava investido o Chefe do E. M., seus limites e o ponto de vista em que elle se collocara, não transi-

gindo no programma que fôra apresentado. O pedido feito em 1912 não correspondia absolutamente á vontade de fazer guerra de conquista. Ao contrario n'elle se apontava as intenções aggressivas dos adversarios da Alemanha que desejava apenas poder se defender, conservando o que era seu. E' claro qu'uma guerra defensiva não implica a idéa de se manter em absoluto n'essa situação, esperando que o adversario imponha sua vontade, não, é necessário que se porcure fôrtemente reagir. D'ahi a expressão "offensiva" empregada no memorial.

Também fallou-se relativamente á neutralidade Belga; a necessidade de atravessar esse Paiz só mais tarde foi examinada.

O Livro Amarelo francês (Documentos Diplomáticos-1924) em lugar de publicar o memorial de 1912 o fez de um outro de 19-3-1913, com o intuito de assim provar que a Alemanha procurava a guerra com objectivos políticos. "Le Temps" dizia que o General Ludendorff era a alma desse desejo. Esse jornal se baseava no memorial-falso — que o Governo francês fizera publicar no citado livro, na convicção de ser verdadeiro o documento de que se utilizara. Como quer que seja nada do que foi inculcado correspondeu ao desejo do E. M. Insistir pois sobre esse documento falso não valia a pena. Apreciando as modificações por que passaram as organizações de vários exercitos no período de 1912 a 1914, enxerga-se as appre-hensões que determinaram os memoriais citados. E mais uma vez, em consequência, o E. M. na Primavera de 1914, pediu ao Reichskanzler e no Ministro da Guerra para executar imediatamente o serviço obrigatório para todos os que estivessem em condições de servir. Essa exigência do E. M. infelizmente não foi executada até o inicio da guerra.

Esse ultimo memoria
feridas assim dizia:

“ Desde 1912 a situação dos nossos provavelmente com desvantagens para a Alemanha. A França voltou ao serviço de 3 anos e creou mais um CE. A França estabeleceu o serviço de 3 1/2

A Russia estabeleceu o seu exército a 4 1/2 annos, creando além disso 4 ou 5 Corpos de Exercito. Está tambem previsto uma reorganização completa do Exercito afim de dar-lhe mais efficiencia.
Além, as relações alemãs para com as

Demais, nações dos Balkans mudaram por completo. Com a Rumania não se podia mais contar, ao contrário, deveria ser então encarada como adversaria. Com isto a situação da Austria tomara nova feição, pois que sua offensiva contra a Russia estava seriamente comprometida. Assim devia a Alemanha contar que a massa dos Exercitos russos seria jogada contra ella. A organização de um Exercito provido de recursos taes que podesse invadir logo a fronteira alemã, antes de uma declaração de Guerra, estava prevista para o anno de 1917. Isto não podia deixar passar des-

A Alemanha não podia deixar passar desse ano de 1914, sem perceber as medidas. De acordo com o pensamento do E. M. E. urgia instruir todos os homens validos para o serviço militar e, assim julgando, elle afastaria a pécha de causador da ruina da Pátria. Trata-se de uma guerra em que se jogará a existência do povo alemão, e, a esse respeito, não havia dúvida".

Do que foi dito se verifica que o E. M. previa a magnitude da Guerra que se architectava sem que para ella concorresse, pendendo apenas para que se empregasse o maximo para a defesa.

O E. M. julgava que se tinham enganado com relação ao valor militar dos inimigos da Allemanha, especialmente a Russsia. Assim, pois, si a Nação não se preparara mili-

tarmente com o mesmo afan dos seus adversarios e na altura dos esforços que elles despenderam, não era culpa d'elle. Não cabia ao E. M. apontar o respondavel. Sentia-se a approximação da Guerra. Os ultimos dias de Julho foram cheios de preocupações para o E. M. Medidas necessarias á uma mobilização corresponderiam a uma guerra mundial que a todo custo se deveria evitar. "Mas o retardamento de taes medidas para attender á mobilização allemã, importaria num desastre irreparavel.

A grande responsabilidade de calcular o momento preciso para a mobilização cabe ao *chefe do E. M.*

E como elle encarava a situação no dia 28 de Julho de 1914, testemunha a seguinte declaração feita ao Reichskanzler no dia seguinte, pelo General Moltke: "A Austria mobilisara parte de suas forças (8 C.E.) contra a Servia e o bastante para puni-la. Em consequencia a Russia tomara todas as medidas para mobilizar rapidamente oito C.E. das regiões de Kiew, Odessa e Moscou, e a, além disso, providenciara para que essas medidas se estendam ao Norte, na fronteira Alemanha e na região do Baltico. Declarara que mobilisaria se a Austria invadisse a Servia, pois não permitirria o aniquilamento desta, si bem que a Austria dissesse não ter esse objectivo. E que aconteceria então?

Uma vez que a Austria invadisse a Servia por diante não só o Exercito Servio como também a massa dos Exercitos russos.

Isso corresponderia tambem a uma guerra com a Russia, uma vez que a Austria realizasse a invasão. Assim sendo, teria a Austria que mobilizar o restante de seu Exército afim de se furtar a humilhação que se queria impôr. Realizada a mobilização o choque entre esses dois Países seria inevitável e isto incidiria num *casus foederis* contra a Alemanha. Não trahindo a Alemanha, a sua Aliança, teria ella que mobilizar bem. Isso corresponderia a mobilização toda Russia e como naturalmente acrediaria esta que seria atacada tambem pela Alemanha, appellaria para o auxilio da França de quem era aliada. O entendimento Franco-russo tantas vezes louvado e archi-ectado para se contrapôr aos planos alle-ianças, tornara-se uma realidade e o aniqui-mento mutuo das nações cultas da Europa ia começar. As declarações tantas vezes feitas pela Russia de que ainda "não mobiliza" e que fazia apenas "preparativos" para o caso de necessidade não correspondia a realidade pois, à declaração de mobilização corresponderia a de concentração em curto periodo.

Contra a Allemanha dizia a Russia nada
esejar. Ella estava certa porém de que a
Allemanha não poderia ser indiferente à
uma aggressão contra a Austria, sua aliada.
Assim, a Allemanha seria forçada a mobilizar
também. Então exclamaria a Russia:
"Não queríamos a guerra, porém a Allemanha
a ella nos conduziu".

As causas se passariam assim a não ser que ocorresse um milagre para evitar a Guerra que tudo viria destruir.

A Alemanha descjava a todo transe evitar uma lucta de consequencias irreparaveis.

Com relação a superioridade dos efectivos dos adversários da Alemanha já foi falado. Para a Alemanha e Austria estes ascendiam na primavera de 1914 a 3.161.000

A França, excluídos as tropas de cõr e a Russia (até o Caucaso) dispunham de 4.816.000 h. A superioridade sobre a Alemanha e Austria, correspondia a 1.655.000 h. Na realidade porém essa superioridade no começo da guerra era maior porquanto já se achavam presentes na luta tropas Coloniaes francesas e russos da Asia. Mais ainda tropas belgas, inglesas e Servias.

crescimo de mais 609.000 h. Em verdade na primavera de 1914 os adversarios da Alemanha contavam com um effectivo de 6.200.000 h. contra 3.500.000 h.

Tudo dependia de não ser essa massa atirada simultaneamente contra a Alemanha antes que ella pudesse se dispôr para a luta. "A esse respeito devia o E.M. zelar e, como vimos, era uma tarefa muito séria.

A Alemanha sabia que o Governo francês, em caso de "tensão política" estava autorizado a aumentar a efficiencia do Exercito, principalmente das guarnições da fronteira e tomar disposições que facilitassem a mobilização. Em consequencia, estavam previstas, com certa independencia, medidas a serem tomadas por Commandantes de Unidades e Autoridades militares que muitas vezes, por simples temor ou excitação, delas se utilizavam e outras que deviam partir do proprio Governo. Sobre estas iremos fazer algumas apreciações.

A nova lei militar dava ampla autorização ao Ministro da Guerra para tomar medidas especias relativamente ás exigencias concernentes á mobilização de modo a doar o Exercito do maximo de efficiencia. Elle podia prolongar o tempo d eserviço e conservar reservistas chamados a exercicios na primavera, se assim julgasse preciso. Tampem tinha autorização

Tambem tinha autorização para incorporar os reservistas que não tivessem dois periodos de exercícios e mais ainda: mediante solução em Conselho de Ministros, chamar a classe dos reservistas mais jovens. Disso resultavam grandes vantagens pois que o efectivo do Exercito era elevado e as guarnições de fronteira attingiriam o seu efectivo de guerra. O Ministro da Guerra tinha mais faculdade de elevar os efectivos de guarnições tropas da fronteira (11 DI e 3 DC), independente do decreto de mobilização, podendo prepara-los e dar-lhes o dispositivo correcto na fronteira. Isto tudo elle estava autorizado a realizar telegraphicamente mediante l'ordre de départ en converture — que, no maximo, deveria ser realizada em 36 horas.

Outras autorizações eram previstas para caso de tensão política: barragem de estradas na fronteira, preparativos de transportes por estradas de ferro e medidas referentes a abastecimentos. Baseados nessas autorizações previstas com devida antecedência, foram as providências realizadas em julho de 1914, e isso denuncia até que ponto a mobilização estava preparada e o perigo que, em consequência, ameaçava.

Vimos que a Russia durante o período de "preparação militar" tomava medidas para melhorar sua mobilização. Estava assentada na idéia de, por todos os meios, iludir seus adversários por manobras diplomáticas, de modo a fazer acreditar que a guerra poderia ser evitada. Era preciso que a Alemanha estivesse attenta á essa machinação.

visões feitas pelo E.M. Diffícul foi conseguir o criterio dos preparativos da mobilização ingleza. As informações a respeito eram precarias. Formações de reserva não eram conhecidas. A Inglaterra apezar dos entendimentos que fizera conservar a sua liberdade de acção e só a 4 de Agosto de 1914 ordenara a mobilização. A primeira medida militar por ella tomada consistiu na ordem de 27 de Julho para que a esquadra se reunisse em Portland.

A Belgica começou sua mobilização justamente a 29 de Julho, 4 dias antes da Allemanha.

Em consequência desse acto, preparativos de estradas de ferro, destruição de pontes e varias informações, sabia a Alemanha que a teria como adversária.

Uma exposição resumida dos acontecimentos diários passados entre os adversários da Alemanha e as medidas, por ella tomadas esclarecerão o assunto: 25/7. Nenhuma informação inquietadora da França e Inglaterra. Na Russia desde algum tempo eram activadas providencias relativas à mobilização, ensaios destas e, na fronteira, eram tomadas medidas de carácter especial.

26/7. A situação parecia inalterada, tanto na França como na Inglaterra. Na Russia todas as tropas em exercícios eram chamadas. Situação inquietadora (effectivamente, nesse dia entraram em execução as medidas relativas ao caso de Guerra).

27-7. França. — Recolhimento de destacamentos ás suas sédes e chamada de licenciados. Severa vigilância na fronteira.

Na Rússia: retrahimento de guardas da fronteira. Chamada de officiaes licenciados e tambem de assimilados. (Effectivamente o 2.º dia de preparativos militares para a Guerra).

Alemanha: Augmento de vigilância nos caminhos de ferro e apresentação de empregados da estrada nas zonas da fronteira e em Berlim.

28/7. Situação tensa na França. Innumerous providencias tomadas. Augmenta a chamada de licenciados, antecipação de instrução para certas classes. Meios de transporte em situação de serem utilizados. Inglaterra. — Foram tomadas muitas providencias que se relacionavam com a Esquadra.

Belgica — Tres classes de reservistas foram chamadas. (Essa medida foi conhecida a 29).

Russia — Medidas para protecção de estradas de ferro, collocação de minas nos portos, requisições de cavalos, disposições para que o material de transporte estivesse pronto (Effectivamente era o 3.º dia de preparativos militares).

Alemanha — Destacamentos fóra de suas sédes, comprehendidos na mobilização imediata ou approximada, deveriam regressar.

Reforço de vigilância nas estradas de ferro por destacamentos especiaes — de segurança.

29/7. França — Chamada geral de todos os destacamentos fóra de suas sédes e dos licenciados. Protecção das estradas de ferro na fronteira. Preparativos de mobilização dos caminhos de ferro. Nas regiões da fronteira foi chamada a classe de reservistas mais jovens.

Belgica — E' publicada a chamada de 3 classes de reservistas. A mobilização se faz abertamente.

Russia — Tropas activas aparecem em protecção á fronteira. Chamada de reservistas, requisições de cavalos (Effectivamente o 4.º dia de preparativos militares). Mobilização parcial. Chamada de todas as classes de reservistas nas zonas militares de Odessa, Kiew, Moscou e Kasan, assim como tambem para a esquadra).

Alemanha — Chamada dos destacamentos de tropa que se achavam em marchas e exercícios de guarnições e tambem dos licenciados. Protecção ás obras d'arte das estradas de ferro. Armatamento dos locaes de defesa complementares previstas nos fortes de fronteira.

30/7. França — Guarda das fronteiras. Armatamento de locaes de defesa complementares nos fortes. Concentração de reservistas nas zonas da fronteira. "Ordre de depart en converture" (provavelmente assentada).

Inglaterra — Diversas providencias relativas a segurança, sem preparativo de mobilização para o Exercito. A frota ingleza vigia as costas alemanas.

Russia — Reunião de divisões de Cavalaria. Transportes de tropas para regiões da fronteira. Mobilização de grande parte das forças russas (Effectivamente o 5.º dia de preparativos. 1.º dia de mobilização parcial. Mobilização geral decretada).

Alemanha — Medidas de segurança tomadas em relação ás ilhas do Mar do Norte e das estações de T.S.F.

Alguns C.E. enviam elementos de segurança ás fronteiras.

31/7. França — "Ordre de depart en converture". Reforço das tropas da fronteira. São tomadas innumerous providencias sobre preparativos de meios de transportes.

Vesperas da mobilização geral.

Inglaterra — Grande actividade militar em todas as estações navaes inglezas. Terminados os preparativos de mobilização da Esquadra.

Russia — E' tornada publica a mobilização geral das tropas nas zonas da fronteira.

O transporte de tropas para a fronteira continua. (Effectivamente são chamados todas as classes da reserva do 1.º Bando — 1.º dia de mobilização).

Alemanha. — A's 13 horas é publicado "estado de perigo de guerra" — 1.º de Agosto.

França — Mobilização geral decretada á 31/7, depois do meio dia.

Reforço de tropa da fronteira. Chegada de tropas africanas na França.

Inglaterra — O Corpo Expedicionario é concentrado em Essex.

Russia — Concentram-se na fronteira sete divisões de cavalaria e inumerous destacamentos mixtos.

Alemanha — A's 17,30 é ordenada a mobilização. A's 19,10 entrega da declaração de guerra á Russia.

28. França — A mobilização geral é assentada ás 13 horas correspondendo esta data ao 1.º dia.

Belgica — Constava que 3 corpos de exercito franceses tinham penetrado na Belgica. (Informação não confirmada).

Russia — 3.º dia de mobilização.

Alemanha — 1.º dia de mobilização.

31/8. França — 2.º dia de mobilização.

Inglaterra — Declaração de Grey dizendo que a mobilização da Esquadra e do Exercito estava imminente.

Belgica — Chegou notícias de que 2-C E franceses vindos do Sul tinham penetrado na Belgica (noticia não confirmada).

Russia — 4.º dia de mobilização.

Alemanha — 2.º dia de mobilização. Declaração de guerra á França.

4/8. A Inglaterra interrompe suas relações com a Alemanha.

Mobilização geral do Exercito e da Esquadra.

O dia 5/8 fóra previsto como o 1.º dia de mobilização.

Do que foi exposto pode-se verificar o adiantamento dos preparativos militares da Russia.

Na Alemanha, desde o encerramento dos trabalhos concernentes á mobilização, em 31/3/914 até a chamada de tropas ás suas

guarnições, 28/7. Nenhuma medida fóra tomada. Também a França e a Belgica tinham precedido a Alemanha em seus preparativos.

A Alemanha tinha se atrasado em relação ás 3 ultimas.

A mobilização das Grandes Potencias fóra como que ajustada em seus dias e horas.

O Marechal von Moltke a propósito da guerra de 70 salientara a importancia da precedencia nos transportes e mobilização. Lembrar, por exemplo, nas operações alemanas, os combates em Worth e Spicheran, fazendo a suposição de que, em lugar de se passarem a 6 de Agosto o fossem no dia seguinte.

Nesse caso o Príncipe herdeiro teria encontrado no Sauer em lugar de um, dois Corpos de Exercito franceses. Do outro lado do Sauer, o Imperador Napoleão teria podido reunir 4 corpos, em Santa Avold. Mesmo a 8, os alemanas só poderiam ter contado com 4 C.E. para o ataque.

Só uma causa se pode censurar á Alemanha: é sua declaração de guerra á Russia e a França. Mas isto preencheria apenas uma formalidade porque, na realidade a declaração de Guerra nada alterou.

Quem apreciar com justiça ás ocorrências não poderá responsabilizar a Alemanha pelo desencadeamento da lucta.

Se a Entente pretende pois apontar a Alemanha como causadora do inicio da Guerra isto não passa de uma insinuação. A culpa provém da mobilização russa, do contrario a Alemanha teria continuado a proceder com todas as cautelas. O keicheskanzler julgou necessário a declaração de guerra em vista das exigencias de carácter militar porquanto era preciso que a Alemanha tomasse imediatamente a offensiva contra a França, atra vez da Belgica, uma vez que a mobilização russa tornara inevitável a existencia de duas frentes. A passagem pela Belgica era fructo da necessidade.

O Ministro da Guerra, von Falkenhayn e o Almirante von Tirpitz foram contrarios á declaração de guerra. Este disse que o General von Moltke não se manifestara pela guerra, nem contra a França nem contra a Russia. A recente publicação "Documentos relativos ao inicio das hostilidades", diz que o general von Moltke julgara inutil sob o ponto de vista militar que fosse declarada a Guerra nem tão pouco a exigira. As medidas contra a Russia e a França bastariam. Só o ultimatum á Belgica no dia 2 fóra considerada medida de carácter militar. Não foi essa medida que determinou o estado de guerra nem contra a França e muito menos contra a Russia; o ultimatum nada tinha a ver com isto nem permittia essa suposição. O General von Moltke, accentuava n'uma declaração de 2/8, publicado pelo Ministerio do Exterior: "A declaração eventual de guerra á França, nada terá que ver como o ultimatum enviado á Belgica. Aquella independente, que se faça declaração de guerra á França".

Considero que sem ella a França, por exigencia particular, será forçada a nos atacar, sem declaração formal de guerra. Por enquanto a França, sob pretexto de proteger a Belgica nella penetrará logo que seja conhecida em Paris a declaração que enviámos á Belgica. Por nossa parte foi ordenado que se não transpuzesse a fronteira francesa até o momento em que não fossemos por estes atacados".

Subsídios para os quadros de reserva

Pelo Cap. A. J. Pamphiro

ENGENHARIA

VII

PAPEL DOS GRUPOS DE COMBATE E DAS ME- TRABALHADORAS NA ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA

A OSSATURA da defesa da posição é constituida pelas armas automaticas dos grupos de combate da Infantaria e pelas metralhadoras leves ou pesadas" (R.O.T. 1.º Parte — Cap. III. — 3).

Retomando a ligação com o exposto em o nosso numero VI vemos que, abrangendo de um ponto de vista superior o conjunto de organizações defensivas que podem ser guarnecidadas por um Exercito, encontraremos em uma dada frente:

a) um ou mais sectores, guarnecidados cada um por uma D.I. ou eventualmente por uma Brigada Mista;

b) em cada Sector varios sub-sectores, defendidos cada um por Brigada ou um Regimento de Infantaria;

c) em cada Sub-sector um certo numero de Centros de Resistencia, cuja defesa de cada um compete a um Batalhão ou eventualmente fracção menor;

d) finalmente cada Centro de Resistencia compõe-se de um numero variavel de pontos de apoio, a que guarnece uma companhia ou pelotão.

Entretanto todas essas sub-divisões do terreno e da tropa só existem para que o Commando se possa exercer com facilidade, de maneira a que todos os órgãos da defesa obedeçam a uma vontade unica — a do Chefe —, que se faz sentir através do orgão coordenador por excellencia — o Estado Maior —, a quem cabe elaborar o Plano de Defesa.

Perante o inimigo toda a organização defensiva deve aparecer sem solução de continuidade, de maneira que a elle semelhe um só bloco, agindo de uma só forma, obedecendo a uma direção unica.

Por isto todas aquellas subdivisões não devem transparecer ao inimigo e para tal fim todas elles

Por outro lado, documentos existentes (nos. 562 e 608) dizem que o general von Moltke, nenhuma objecção fundamental fizera ao projecto da declaração de guerra á Russia e á França, declarando apenas opinar pelo retardamento da citada declaração.

Outras informações de merito a respeito da participação de Moltke na declaração de guerra não são conhecidas.

No E.M. não existiam documentos dos quais se possa verificar isto.

O Conde Waldersee, outro Sub-chefe do E.M. e que não estava presente na occasião

em que fôra decidida a guerra, diz que o General von Moltke era de opinião, e elle também, que a declaração de guerra seria desnecessaria, bastando apenas a mobilização. Isto foi assegurado por outras pessoas e corresponde em verdade, á realidade.

O General von Moltke não exigiu a declaração de guerra apesar de não se ter opposto á decisão tomada.

A declaração de guerra produzira mau efeito e deu oportunidade para se enxergar na Alemanha intenções de conquista,

se protegem e flanqueiam pelo fôgo de tal fôrma que para o assaltante exista ininterrupta e efficiente uma cortina de fogo, barrando ao inimigo o acesso á frente organizada.

Tal cortina é obtida dispondo no terreno convenientemente as armas automaticas (F.M.), e as metralhadoras leves e pesadas de fôrma que elles cruzem as suas trajectorias á frente do terreno a defender.

E' o que syntheticamente diz o R.O.T. no periodo que transcrevemos no inicio deste capítulo.

E para que possam os nossos leitores fazerem uma ligeira idéa de como as cousas se passam na realidade, vamos a traços geraes delinear o processo a seguir para organizar o plano de defesa, partindo do escalão Divisão isto é, do Sector.

O problema comporta duas phases:

1.º — Estudo do thema na carta;

2.º — Reconhecimento do terreno para adaptar ou modificar a solução obtida na carta.

Assim na carta o Chefe, com o seu Estado Maior escolhem: *primeiro* o local onde vae collocar as suas tropas afim de dar a batalha, isto é, a zona a organizar defensivamente; *segundo* — quaes os pontos principaes a defender, cuja defesa comporta o efectivo de um batalhão, isto é, quaes e quantos centros de resistencia; em escalões subordinados se determina o n.º de pontos de apoio que cada um comporta; *terceiro* — em seguida estes C.R. são grupados em Sub-Sectores de R. I. e Brigada da Infantaria, o que feito está a tropa dividida pela posição a defender.

Tal em rapidos, traços o trabalho na carta. Findo elle passa-se ao terreno.

O Chefe faz um reconhecimento geral para ver se é possivel ao mesmo adaptar os resultados a que chegou na carta, modificando-os ou não.

Da mesma forma procedem os chefes subordinados e assim se chega até á locação das metralhadoras leves e pesadas e dos fuzis metralhadores dos Grupos de combate, obtendo-se então no terreno a

dando além disso, á Italia e a Rumania occasião para se furtarem aos compromissos tomados. A Alemanha poderia tomar as providencias militares que a situação exigiu, sem previa declaração de guerra, não devendo isto corresponder á protellação dessas medidas.

Indubitablemente existia no E. M., no Exercito e ainda em torno do Imperador, um partido militar que forçava a guerra.

Que tambem na Russia elle existia, está comprovado no processo Suchomilow.

ossatura de ferro, que constitue o verdadeiro squeleto da posição. Está então o terreno transformado, não mais em instrumento pacífico na mão do agricultor e sim em poderosa arma, manejada competentemente pelo homem na guerra.

Assim como o C. R. é a unidade tática defensiva o Grupo de Combate (G.C.) é a cellula da organização defensiva.

Cada G.C., ou melhor o seu F.M. recebe uma missão determinada, um objecitvo a bater. A' esquadra de protecção de cada um compete protegê-la de maneira que não possa falhar a sua missão no momento decisivo.

Por sua vez os G.C. se protegem mutuamente se flanqueando.

Quanto ás metralhadoras são protegida quer pelo proprio dispositivo dos G. C., quer por se destacar certos G.C. para protegê-las especialmente.

"Para que cada um desses elementos possa desempenhar o seu papel, é essencial que estejam ambos ao abrigo do fogo do inimigo, e que se possam comunicar entre si.

O primeiro cuidado de um grupo de combate, e tambem o de uma secção de metralhadoras que se installa no terreno, será, portanto, enterrar-se, e deverá faze-lo com os seus proprios meios, sem cessar de, em cada momento, estar prompto para cumprir sua missão".

(R.O.T. — 1.º — Parte — Cap. III—3).

VIII

PETRECHOS DE FOGO DA INFANTARIA

Pelo que anteriormente temos dito se pode bem compreender que o plano de fogo da Infantaria tem por fim organizar á frente do terreno ocupado pela tropa, e que urge defender, uma zona mortifera intransponivel ao atacante.

Esta zona é creada ou melhor toma este carácter pelo cruzamento judicioso das trajectorias das armas automaticas — F.M., Mtr. L., Mtr. P. —, em toda a frente que obrigatoriamente o inimigo terá de transpôr para assaltar as posições.

E é de notar que para conseguir tal objectivo cada arma automatica toma uma posição tal que lhe permitta bater de enfiada o terreno de accesso ao inimigo.

Só assim se pode de facto offerecer uma barreira de fogo ou melhor de aço ás tropas de assalto inimigas.

Para tal fim conseguir é preciso pois que cada arma automatica atire sómente na direcção que lhe foi imposta, no momento do ataque.

Por isto determina o R.O.T. cap. III-3 — "Cada uma dessas armas recebe uma missão normal claramente definida, sob a forma de uma zona de terreno a bater em uma direcção determinada. Nada deverá desviar a arma automatica desta missão no momento do ataque inimigo".

E, a titulo de esclarecimento adduzimos se necessario acostumar o homem a atirar em uma direcção que não seja a normal á sua frente, pois frequentemente assim succederá na guerra, uma vez que a arma colhe o inimigo de enfiada. E' preciso que o atirador se convença que elementos col-

locados nos seus flancos batem o inimigo que normalmente á sua frente avançar.

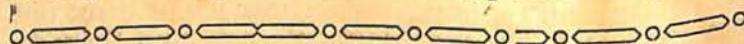
Para completar a trama, verdadeiro rendilhado formado pelas trajectorias dos fuzis, F.M. e até granadas de mão e de fuzil, entram em accão o canhão 37 e o morteiro Stoke de cada um dos quaes cada Btl. I. tem um especimes.

O R.I. poderá permittir que cada Btl. I. empregue *ad libitum* os seus petrechos para organizar seu plano de fogo ou, ao contrario, grupa-los em bateria de canhões ou de morteiros e emprega-los em massa para bater determinadas zonas da frente do sector do R. I.

Seja como fôr o canhão 37 é a arma do tiro rasante, especialmente adequada para bater as metralhadoras inimigas; sua collocação já é feita em função dos locaes provaveis para posição das mesmas.

O morteiro stoke é a arma do tiro curvo, empregado especialmente para bater os angulos mortos da posição e os locaes provaveis de concentração e reunião das tropas para o assalto.

"Os seus lugares são escolhidos em função dessas missões. Em principio, os petrechos de Infantaria conservam-se bastante á retaguarda das primeiras linhas e sufficientemente protegidos pelo dispositivo geral" (R.O.T. Cap. III — 4).



BIBLIOGRAPHIA

Publicações recebidas:

- Primeira, a revista por excellencia, numeros
- Revista Militar e Naval, Montevidéu, Março, Abril.
- Boletim do Círculo dos Officiaes Reformados do Exercito e da Armada;
- Revista del Círculo Militar del Perú, Lima, Fevereiro e Março;
- Revista del Círculo Militar, San Salvador, Novembro e Dezembro;
- Revista Marítima Brasileira, Rio, Abril;
- Revue de Cavalerie, Mars-Avril, Paris;
- Revista Militar, La Paz, Fevereiro, Março e Abril;
- Boletim do Museu Nacional, Rio, Março;
- Revista de Policia, Rio, Abril;
- El Soldado, Mexico, Março;
- Revista del Exercito y de la Marina, Mexico, Fevereiro;
- La Conquête de l'air, Paris, Avril;
- Revista Militar del Ejercito, Bogotá, Fevereiro e Março;
- Moeda e Credito, Rio, Março e Abril;
- Revista de las Españas, Madrid, Março;
- Revista da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, Março e Abril;
- Monitor Mercantil, Rio, Abril e Maio;
- A Guerra e sua Preparação, Fevereiro e Março;
- Beira Mar, Rio, Maio;
- La-Patria, Mexico, Abril;
- Brasil American, Março e Maio;
- Liga Marítima Brasileira, Rio, Abril;
- Revista del Centro Militar, Tagucigalpa, Março;
- L'Aja d'Italia, Milão, Abril;
- Revista Militar, Buenos Aires, Abril;
- Alerta, Montevidéu, Fevereiro, Março e Abril;
- Revista Technica, Rio, Abril;
- El Intendente, Mexico, Março;
- Revista Aerea, Mexico, Janeiro;
- El Ejercito Nacional, Quito, Março;
- "Engineering" Directory, Janeiro.

Ame-se a paz antes de odiar a guerra

Ignacio José Verissimo

Entre pantanos e cadaveres a paz é dom; entre santos — premio; entre homens, equilibrio de interesses.

OS poetas sempre viram a guerra pelo coração. Essa agonia — velha como o mundo, — mote de todas as glosas possíveis — mal tem servido ao homem e a elles proprios. A guerra continua de pé, com todas as suas cruealdades, com todos

bem aqui tem aparecido, algo de incipiente, mas espontaneo, que “condena e reage contra a guerra, que “só é igual em horror á sua estupidez”.

E os autores dessa nova literatura vêm a solução immediata da paz na extincão das classes armadas.

Sentida ou falsa — tal receita tem, para mim, — a virtude de me interessar e por isso, aqui me acho —

confessar que a sentiram, apenas, pelo coração —; que foram victimas de uma emoção, por certo sincera, mas necessariamente falsa e, em consequencia... que araram no mar.

Antes de mais nada é preciso convir que a guerra deve escapar, pela sua crueza, pelo seu horror, pelas consequencias moraes e materiaes que acarreta, — ao lyrismo piegas de qualquer “bem intencionado”.

Neste capitulo as “boas intenções” são crimes, porque nada constroem e nada evitam. E nada construindo, nos deixam a mercê mesmo da guerra; da guerra que pensam evitar, só porque descobrem, nella, o indice de uma actividade, que lhes é antipathica e, sem penetrar nas suas origens, nas suas leis, no seu processus confundem as suas preferencias politicas com a propria guerra.

* * *

A guerra não deve ser em primeiro gráu a nossa preocupação. Antes de pensar em extinguirla, extinguindo os symbolos della, na paz, pensemos nessa, na sua manutenção e voltemos para ai os nossos esforços. Mas não nos esqueçamos, entretanto, que paz quietude — paz s'encio — paz imobilidade — não outorgou a Natureza senão aos pantanos e aos cadáveres. Entre homens ella é apenas equilibrio de interesses.

Mal avisados andam pois aquelles que crêm na paz direito — na paz convenção — na paz contracto. Só os santos a merecem por premio; entre homens seria necessário estancar a vida.

O desequilibrio das funcções tráz a doença; o desequilibrio de interesses tráz a guerra e ambas guerra ou doença, são manifestações do mesmo phemono



Almoço oferecido, na sede dos Bandeirantes, ao Governador Adolpho Konder, que se acha ladeado pelo Ministro Victor Konder e pelo Presidente do Club, Dr. Porto d'Ave.

os seus crimes, e os seus horrores, desmentindo a solidariedade humana como se a nossa obra pacifica fôsse a opria negação da vida.

Incorporando-se a essa literatura que prega o “santo horror a guerra” a literatura dos Zolas — dos irmãos Margueritte — dos Mirbeau — tam-

para perguntar aos D. Quixotes dessa nova Cruzada se já pensaram sobre a guerra, se já lhe procuraram conhecer as causas e supreender-lhe os contornos, se já meditaram sobre a maneira de se lhe oppôr um paraíso e assegurar a paz.

Se nada disso fizeram — devem

RELOJOARIA GONDOLO

Únicos Agentes para o Brasil de Patek, Philippe & Cia.

RUA DA QUITANDA N. 81

OFFICINA MODELO PARA CONCERTO
DE RELOGIOS

NOSSA CASA DEDICA SE EXCLUSIVAMENTE Á ARTE DE R. LOJOARIA

RIO DE JANEIRO

- desequilibrio funcional entre orgãos,
- desequilibrio de interesses entre homens.

Por isso o hygienista começa, estudando os meios de manter a saude — que é a paz do corpo.

Imitemo-lo pois; não conservemos a paz com desejos e razões — mas com medidas praticas — politicas, — economicas — militares — que a assegurem por muito tempo. Se o equilibrio se romper; se apesar das medidas que lhe oppusermos a doença imperar — então chame-se o medico e não se queira, por horror a ella, começar por odiá-lo tambem.

Na hora da crise; no momento em que o organismo busca readquirir o seu equilibrio — só o medico poderá coordenar, nesse organismo, as suas resistencias á doença que o domina.

Assim tambem com medico ou com curandeiro, com militares ou apenas com guerrilheiros, o corpo e a Nação, terão que lutar contra a doença; contra o desequilibrio de sua saúde — contra a guerra, — senão quiser succumbir de todo.

Eliminem-se os medicos; eliminem-se os militares e tudo ficará de pé, porque sempre haverá a doença e a guerra; o curandeiro ou o guerrilheiro e a morte e a derrota andarão com mais probabilidade em torno do organismo desequilibrado.

* * *

Não se conserva a paz pregando contra a guerra nem se evita esta extinguindo os Exercitos. Infelismente, para todos nós ella escapa a tão simples therapeutica.

A ingenuidade dos "bons" a crê, entretanto, localizada nos armamentos e nos homens que os servem. E então — coerentemente — baseiam suas esperanças na extincção dessa primeira expressão da guerra.

Mas o que é armamento?

Creio que se poderá dizer tecnicamente, que é a expressão tangivel da potencia militar de um país.

Mas a potencia é medida na sua capacidade á guerra?

Como capacidade latente á guerra a Alemanha ainda é um organismo formidável; apenas falta a essa organização um elemento coordenador de suas actividades para a guerra, que responda proporcionalmente as suas proprias possibilidades, isto é, suas forças Armadas estão, hoje, incapazes de anquadrar — á primeira mão — a Nação para a luta.

Mas esta verdade só se traduz, através dos armamentos, no caso, isolado, de uma Nação desarmada face a outra que conserva a posse dos armamentos. No caso, porém, de desarmamento geral ou de limitação geral — que resultará?

As nações fortes — os Estados Unidos — as Alemanhas, as Inglaterras, etc. — terão sempre muito mais capacidade á luta, muito mais potencia intrínseca — impossivel de convenções internacionaes — que o Brasil — a Argentina, etc.

Ao contrario, pois, do que se affirma, o armamento é apenas effeito e não causa da guerra. Elle exprime, em regra, maior ou menor receio da guerra, maior ou menor desejo da guerra. Eliminando esse receio ou esse desejo; diminuindo as causas da guerra — o bom senso humano, naturalmente, economicamente será levado a diminuir os effectivos militares.

Por isso inclino-me, a crê que a solução está antes em medidas de carácter politico-economicas que tornem os interesses entre os povos por

tal forma ligados, — por tal maneira entrelaçados que elles se condicioneem num unico sistema de equilibrio, de funcções, de vida. Então ai, afastado o perigo da guerra, tornada essa prejudicial a todos e, em consequencia, a paz exista por uma necessidade geral — então sim, é possivel — acrecentar ás causas da paz, mais esta — a da diminuição dos armamentos. Mas enquanto não se fizer isso — querer extinguir os armamentos pensando extinguir a guerra — lembra aquelles cachorros de La Fontaine que desejando alcançar um burro afogado — começaram por querer esvasiar o lago, bebendo-o.

E se não se assegurar a paz pelo interesse *commun* della, tudo redundará a repetir, aqui, a velha experiençia Européa — a paz de convenções e, egoismo, que com armas ou sem ellas não mantêm nenhum equilibrio entre os povos, nenhum respeito, nenhuma compensação.

E a fabula do Cordeiro e do Lobo — continuará a se repetir na Historia.



Monteiro Lobato e Murillo Lavrador, fundadores do Nucleo Bandeirante de New York, mandam-nos do grande centro norte-americano este grupo em que aparecem, em companhia da Exma. Família do criador immortal do "Jeca Tatú", da pianista patricia Dila Josetti e do Sr. Henrique Blunt e Exma. Senhora.

O CEREBRO DE ANATOLE FRANCE

ELA exposição que, perante a Academia de Medicina de Paris, apresentaram os medicos que se encarregaram do embalsamamento do corpo de Anatole France, ficaram conhecidos interessantes resultados do exame procedido no cerebro do grande escriptor. Segundo essa pericia, o cerebro de Anatole pesava uma insignificancia: apenas mil cento e noventa grammas, o que é inferior á media.

O exame veiu demonstarr, mais

uma vez, que o peso do cerebro nenhuma relação tem com a intelligencia do individuo. A intelligencia depende mais da complicação das dobras e dos sulcos da massa cerebral. Deste ponto de vista o cerebro de Anatole era admiravel. As circumvoluções estavam separadas por sulcos profundos, flexuosos, atravessados por circulas secundarios, etc. Os lobos frontaes e occipitales, particularmente, eram de uma rara complexidade.

Não é a quantidade de miolo que regula. E' a qualidade, ou, melhor, é a maneira por que se acha distribuido.